ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ

ICC **111-5 Rev. 1**

24 fevereiro 2014
Original: francês

P

Conselho Internacional do Café
112.ª sessão
3 – 7 março 2014
Londres, Reino Unido

Comércio cafeeiro mundial (1963 – 2013): Uma análise dos mercados, desafios e oportunidades para o setor

Antecedentes

Com mais de 50 anos de vida, a Organização Internacional do Café possui muito boas condições para dar uma visão geral da dinâmica do mercado cafeeiro mundial e suas perspectivas para o futuro e, em particular, de sua adaptação a um mundo em transformação, caracterizado por novos desafios, como as mudanças climáticas, a gestão de risco em resposta à volatilidade dos preços, os custos cada vez maiores dos insumos, a sustentabilidade do setor cafeeiro e a expansão do consumo mundial. A primeira parte deste estudo focaliza a evolução do mercado cafeeiro, pondo em relevo os fatores fundamentais e os preços nos últimos 50 anos. A segunda parte examina os atuais desafios e oportunidades que existem para o mercado cafeeiro, dando destaque especial aos três "pilares" do desenvolvimento sustentável: sustentabilidde econômica, sustentabilidade social e sustentabilidade ambiental.

Ação

Solicita-se ao Conselho que tome nota deste documento.

COMÉRCIO CAFEEIRO MUNDIAL (1963 – 2013): UMA ANÁLISE DOS MERCADOS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O SETOR

ÍNDICE

Introdução 1
Seção I: Evolução do mercado cafeeiro (1963 – 2013) 2
i. Preços 2
ii. Produção 4
África 5
Ásia e Oceania 5
América Central e México 6
América do Sul 7
iii. Comércio internacional 9
Exportações 9
Reexportações 10
Cadeia de valor do café 11
iv. Consumo 12
Consumo interno nos países exportadores 13
Consumo nos mercados importadores tradicionais 13
Consumo nos mercados emergentes 13
v. Relação entre fatores fundamentais e preços 14
Seção II: Desafios e perspectivas para uma economia cafeeira sustentável 16
i. Sustentabilidade econômica 16
Técnicas de gestão de risco de preços 16
Custos de produção 17
ii. Sustentabilidade social 19
Certificação: vantagens, custos e desafios 20
iii. Sustentabilidade ambiental 21
Produção de café e desmatamento 21
Produção de café e degradação do solo 21
Produção de café e poluição da água e do ar 21
Incentivo às boas práticas agrícolas 21
Conclusões: Perspectivas para o setor cafeeiro mundial 22
Anexo: Metodologia usada para estimar o valor total do setor cafeeiro 25

COMÉRCIO CAFEEIRO MUNDIAL (1963 – 2013): UMA ANÁLISE DOS MERCADOS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O SETOR

INTRODUÇÃO

1. O mercado cafeeiro mundial passou por grandes transformações nos últimos 50 anos. O propósito deste documento é apresentar uma visão geral das tendências e novidades observadas desde a criação da Organização Internacional do Café (OIC) em 1963, com base em uma vasta gama de dados estatísticos e econômicos obtidos em pesquisas realizadas durante o período.

2. A Seção I apresenta um resumo dos movimentos dos preços, da dinâmica da oferta e da demanda e da evolução do comércio internacional. Até 1989, o mercado cafeeiro foi regulado por uma série de Convênios Internacionais do Café que tinham por objetivo administrar a oferta e manter a estabilidade dos preços. Esse sistema foi abolido mais tarde e, desde 1990, o mercado cafeeiro depende das forças da oferta e da demanda no mercado livre. Este relatório compara e contrasta as perspectivas do mercado nos dois períodos e considera como a evolução dos fatores fundamentais do mercado influenciou os preços.

3. A Seção II examina os atuais desafios e oportunidades para o mercado cafeeiro, concentrando-se nos três "pilares" do desenvolvimento sustentável: sustentabilidade econômica, sustentabilidade social e sustentabilidade ambiental. Em seguida, a Seção II avalia o impacto da volatilidade dos preços sobre os produtores de café, abordando, entre outros aspectos, o uso de instrumentos de gestão de risco e a gestão dos diversos custos de produção. Depois, ela descreve e define os indicadores sociais da sustentabilidade, levando em conta, em especial, a dimensão humana da produção de café. Finalmente, ela apresenta uma visão ampla de uma das maiores ameaças à produção de café – o impacto das mudanças climáticas.

4. Na parte final, o relatório mostra oportunidades e perspectivas que existem para o setor cafeeiro, em termos de consumo e, em particular, de uma demanda cada vez maior nos mercados emergentes e da expansão dos mercados de nicho nos países consumidores tradicionais.

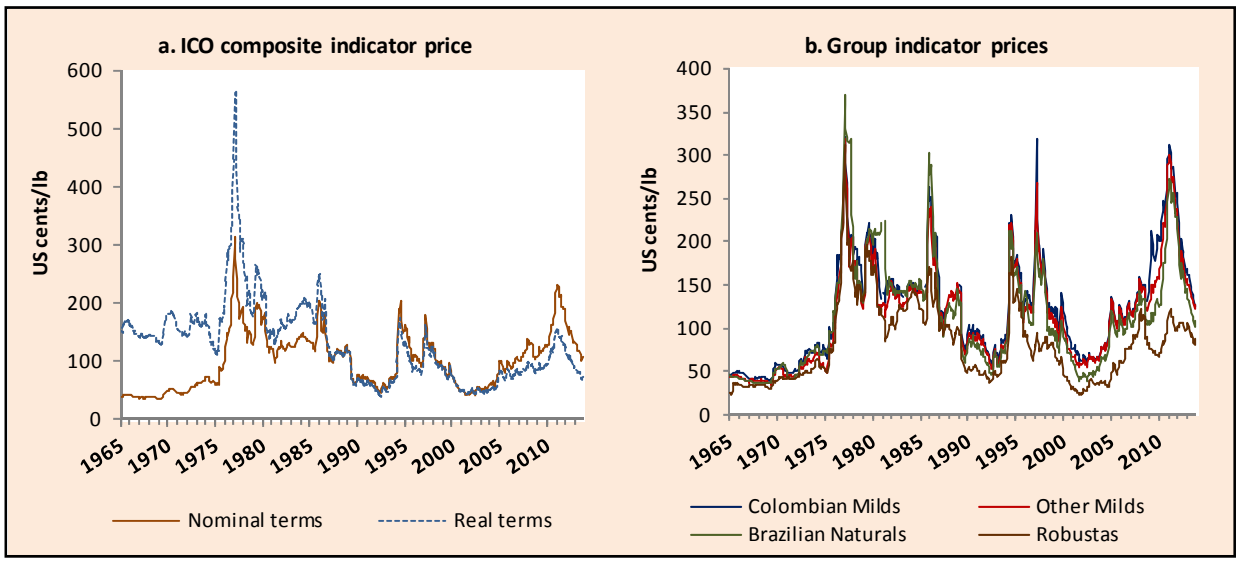
5. O propósito deste estudo é dar uma visão macroeconômica geral do comércio cafeeiro aos membros do público geral interessados na dinâmica de sua evolução e por questões-chave que afetam o futuro do setor. Análise em profundidade dos tópicos introduzidos neste estudo pode ser encontrada nos documentos da OIC, a que se tem acesso pelo site www.ico.org.

SEÇÃO I: EVOLUÇÃO DO MERCADO CAFEEIRO (1963 – 2013)

i. Preços

5. A figura 1 abaixo permite acompanhar a evolução do preço indicativo composto e dos preços indicativos dos grupos da OIC desde 1965. Como os gráficos indicam, os níveis de preços no período de mercado regulado (1965 a 1989) se mantinham relativamente altos, pois tanto as tendências altistas quanto as baixistas eram corrigidas pela aplicação de quotas de exportação. As quotas de exportação desse sistema estiveram em vigor de 1963 a setembro de 1972, de outubro de 1980 a fevereiro de 1986, e de novembro de 1987 a julho de 1989.

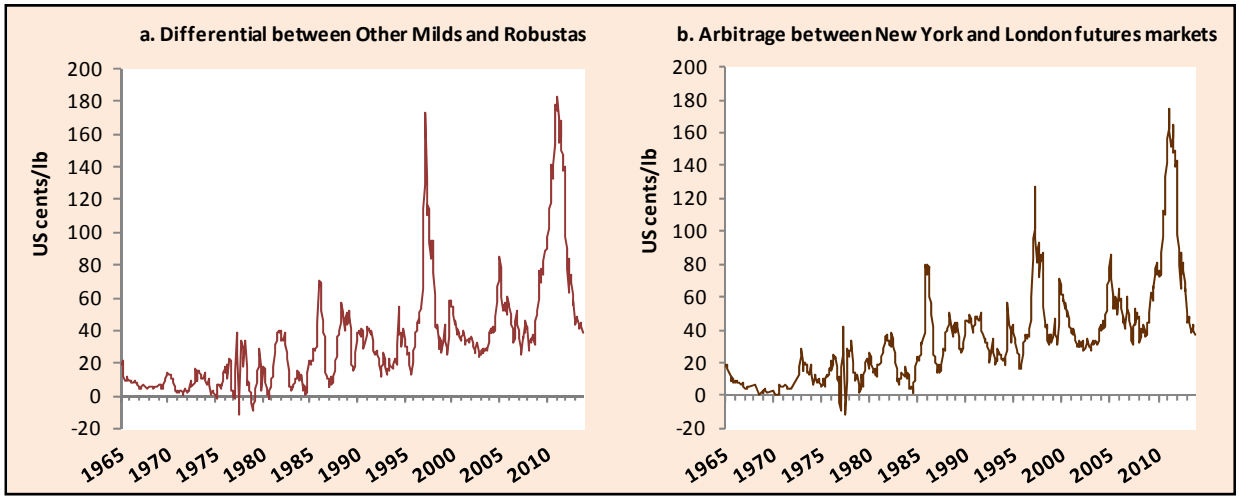
Figura 1: Preços mundiais do café (Médias mensais: 1965 – 2013)



6. O período de mercado livre iniciado em 1990 dividiu-se em dois subperíodos de preços muito baixos: 1989 a 1993 e 1999 a 2004. Este último foi o período mais longo de preços baixos de que se tem notícia, tornando-se conhecido como *a crise do café*, que teve graves consequências para as economias cafeeiras dos países exportadores. Os preços se recuperaram vigorosamente depois de 2004, alcançando seus níveis mais altos de 34 anos em meados de 2011. Em seguida, porém, observa-se uma deterioração aguda dos preços e, ao mesmo tempo, uma alta contínua dos custos dos insumos da produção, entre os quais, em particular, os fertilizantes e a mão de obra.

7. Como se vê na figura 2, o diferencial de preços entre os Arábicas e os Robustas se manteve relativamente baixo no período de mercado regulado, registrando uma média anual de 14,86 centavos de dólar dos EUA por libra-peso entre os Outros Suaves e os Robustas. A média anual mais alta do período foi de 47,53 centavos por libra-peso em 1986, quando os Arábicas escassearam, devido a uma seca no Brasil. No período de mercado livre, o diferencial de preços se alargou consideravelmente, registrando uma média anual de 52,25 centavos por libra-peso. Em termos mais específicos, o diferencial Arábica/Robusta subiu para 161,86 centavos por libra-peso em 2011. A arbitragem entre as bolsas de futuros de Nova Iorque e Londres foi de 17,32 centavos por libra-peso no período regulado, atingindo um pico de 56,78 centavos em 1986. No período de mercado livre, o diferencial médio entre Nova Iorque e Londres foi de 52,02 centavos, alcançando um pico de 155,13 centavos em 2011.

Figura 2: Diferenciais de preços (Médias mensais: 1965 – 2013)



Box 1: Volatilidade de preços

A volatilidade dos preços causa grandes preocupações aos participantes do mercado mundial de café, da mesma forma como no de muitos outros produtos básicos. Nos países exportadores, além de gerar incertezas quanto às receitas de exportação e tributárias, ela traz instabilidade às receitas dos cafeicultores. Nos países importadores, ela não só dificulta o controle dos custos de processamento pelos torrefadores, como também afeta as margens de lucro dos comerciantes e acionistas, tornando suas atividades menos atraentes. Há vários métodos para medir a volatilidade dos preços. O método escolhido para este estudo é a aplicação da fórmula do desvio padrão, que se baseia na variação dos preços de um dia para o outro, determinada como segue:

Equação 1: $$Var\left(P_j, P_{j-1}\right) = Ln\left({}^{P_j}/_{P_{j-1}}\right)$$

onde var = variação diária do preço
P_j = preço no dia *j*
P_{j-1} = preço no dia anterior
Ln = logaritmo natural

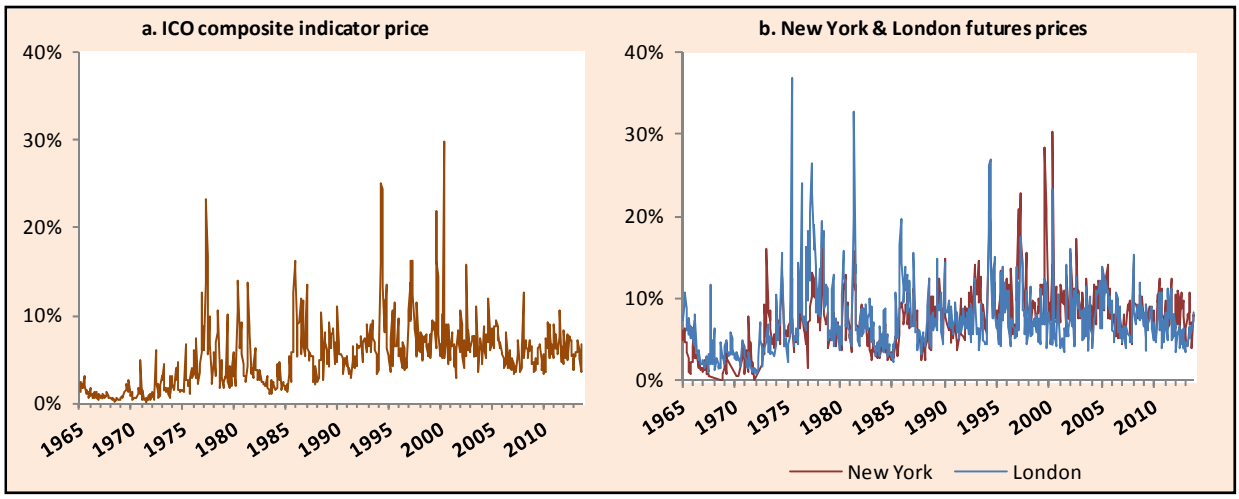
Equação 2: $$\sigma = \sqrt{\sum_{j=1}^{N} Ln\left({}^{P_j}/_{P_{j-1}}\right)}$$

onde σ = desvio padrão no ano
N = número total de meses

Equação 3: $$Volatilidade = \sigma \; x \sqrt{N}$$

Os preços nas bolsas de futuros são significativamente mais voláteis que o preço indicativo da OIC. No período de mercado regulado, os coeficientes mais altos de volatilidade se registraram depois de choques climáticos nos países exportadores, particularmente no Brasil em 1975 e 1985. Os níveis mais altos de volatilidade costumam se registrar nos meses de maio, junho, julho e agosto, que cobre o período de possíveis geadas no Brasil, alimentando atividades especulativas. Testes estatísticos mostram que, no período de mercado livre, os preços estiveram muito voláteis a partir de 1990. Mais especificamente, coeficientes altos de volatilidade foram registrados em 1994, 1997 e 1999. Convém notar que, em dois desse três anos, 1994 e 1999, houve choques climáticos no Brasil.

Figura 3: Volatilidade de preços (Mensalmente: 1965 – 2013)

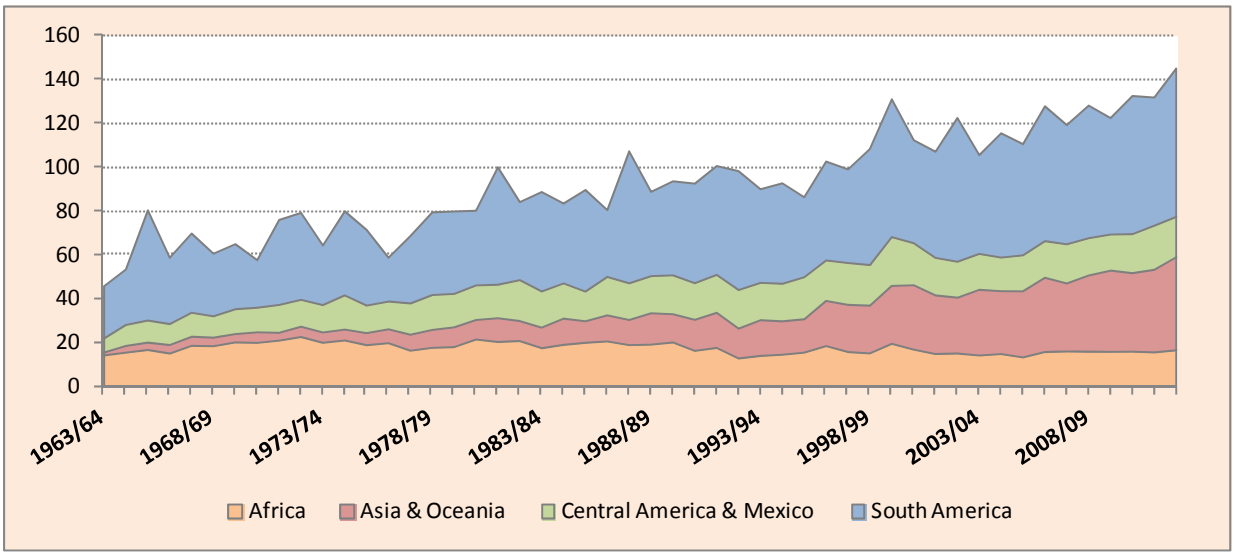


A volatilidade dos preços a partir de 1990 põe em evidência transformações significativas no setor cafeeiro mundial. Por um lado, as reações dos preços a impactos exógenos como as mudanças climáticas sobrevêm em muito menos tempo, mas, por outro, por mais fortes que sejam, as reações não duram muito tempo. As causas do excesso de volatilidade deveriam inicialmente ser examinadas em termos dos fatores fundamentais do mercado, em especial os relativos à oferta. A oferta frequentemente é influenciada por fatores exógenos ligados ao clima e, na esteira de um período de oferta escassa, pode vir um período de superprodução e vice-versa. A evolução dos fatores fundamentais do mercado, portanto, pode favorecer ou dificultar o aparecimento de fatores especulativos.

ii. Produção

8. A dinâmica da produção de café em geral se caracteriza por considerável instabilidade, e é frequente uma grande safra em um ano ser seguida por outra menor no próximo. Nos últimos 50 anos, houve um aumento constante da produção mundial, intercalado por quedas periódicas. A taxa média de crescimento desde 1963 foi de 2,4%, com um crescimento anual de 2,8% no período de mercado controlado, e 2% desde 1990. No ano-safra de 2012/13, a produção mundial de café alcançou 145,1 milhões de sacas, a maior de que se tem registro. Com exceção da África, a produção em todas as regiões de cafeicultura cresceu continuamente no período estudado.

Figura 4: Produção mundial de café, por região (1963/64 – 2012/13)



África

9. Na África, a produção diminuiu muito nos últimos 50 anos, passando de um volume médio de 19,1 milhões de sacas no período de mercado regulado a 15,8 milhões no de mercado livre. A participação da África na produção mundial, assim, caiu de 25% para 14% em média. De 1990 em diante, os níveis de produção em geral estagnaram, registrando menos de 20 milhões de sacas anuais. No período de mercado regulado, muitos países africanos, beneficiando-se tanto de um mercado assegurado, na União Europeia, por acordos entre esta e o Grupo de Estados da África, Caribe e Pacífico (Grupo ACP), quanto de preços garantidos aos produtores, conseguiram aumentos de produção através da rápida expansão de seus parques cafeeiros. O subsequente declínio da produção, inicialmente atribuível a fatores estruturais como baixa produtividade e cafeeiros cada vez mais idosos, também resultou dos programas de liberalização econômica implementados nos anos 90. Influíram, ainda, os conflitos regionais que afetaram certos países. Estima-se que no ano-safra de 2012/13 a produção foi de 16,7 milhões de sacas.

10. Em termos de cada país, convém observar que **Angola,** responsável por uma média de 5% da produção mundial anual até meados dos anos 70, perdeu seu lugar entre os maiores produtores da região. Em 2012/13 a produção angolana girou em torno de 33.000 sacas. A **República Democrática do Congo** e de **Madagáscar** também tiveram uma participação de mercado muito menor, só registrando 327.000 e 522.000 sacas, respectivamente. No entanto, os programas de reabilitação da cafeicultura que vêm sendo executados nesses países, em Angola em especial, poderão ajudar a inverter a tendência baixista. A **Côte d'Ivoire** e os **Camarões** ainda são produtores expressivos, mas sua produção caiu substancialmente no período de mercado livre, descendo para 2 milhões e 366.000 sacas, respectivamente. Na **Côte d'Ivoire** a produção média anual caiu de 4 milhões de sacas até 1989/90 para 2,9 milhões desde 1990/91. A produção média anual dos **Camarões** caiu para menos de 1 milhão de sacas no período de mercado livre, de 1,5 milhão no período precedente.

11. A produção média do **Quênia** no período de 1990/91 a 2012/13 foi de 1 milhão de sacas, ante 1,3 milhão no período de mercado controlado. Na **Tanzânia**, a produção média caiu um pouco, de 820.000 sacas no período de 1963/64 a 1989/90 para 792.000 sacas no período de 1990/91 a 2012/13. No ano-safra de 2012/13, porém, a produção havia melhorado, registrando um volume estimado em 1,1 milhão de sacas, ante 862.000 sacas em 1989/90.

12. O crescimento mais dinâmico da produção africana ocorreu na **Etiópia,** que logrou uma taxa média anual de crescimento de 2,6% nos últimos 50 anos, com um aumento para 3,6% desde 1990. De modo geral, a tendência da produção etíope é a alta, apesar de algumas interrupções baixistas, e em 2012/13 o país produziu 6,4 milhões de sacas. Invulgar na África por possuir uma cultura vigorosa de consumo interno, a Eiópia frequentemente responde pela absorção de mais da metade de sua própria produção. Em menor escala, a produção de **Uganda** registrou um crescimento contínuo, com uma média anual de 2,9 milhões de sacas desde 1990/91, ante 2,8 milhões no período de mercado regulado, e aumentando para 3,7 milhões em 2012/13.

Ásia e Oceania

13. Foi na **Ásia** e **Oceania** que se registrou o maior crescimento da produção no decurso dos últimos 50 anos e, particularmente, dos últimos 20 anos, com a emergência do setor cafeeiro do Vietnã. Entre

1990/91 e 2012/13, a produção média da região foi de 26,5 milhões de sacas por ano-safra, representando 23,5% da produção mundial, em contraste com apenas 7,4 milhões de sacas, ou 9,7% da produção mundial no período de 1963/64 a 1989/90. A produção do ano-safra de 2012/13 é estimada em 42,4 milhões de sacas. Em geral, não tem havido ciclos bienais de alta e baixa produção, pois o que se observa são longos períodos de aumentos sucessivos de produção, seguidos de quedas de curta duração.

14. O crescimento da produção nos principais produtores regionais tem sido expressivo. A **Índia** em média produziu 4,2 milhões de sacas por ano no período de mercado livre, em contraste com 1,8 milhão por ano no período precedente, e, segundo se estima, sua produção no ano-safra de 2012/13 foi de 5,3 milhões, ante 1,8 milhão em 1989/90. A **Indonésia** produziu uma média de 7,7 milhões de sacas por ano no período de mercado livre, em contraste com 4 milhões entre 1963 e 1989, e a estimativa de sua produção no ano-safra de 2012/13 é de 12,7 milhões, ou 6,8% da produção mundial, ante 6,9 milhões em 1989/90.

15. No **Vietnã**, a produção aumentou dramaticamente a partir dos anos 80. Depois de um longo período de aumentos sem interrupções, outros de alta e baixa produção têm-se alternado desde 2001/02. Entre 1990/91 e 2012/13, o país em média produziu 11,6 milhões de sacas, em contraste com apenas 451.000 sacas entre 1980 e 1989, e no ano-safra de 2012/13 sua produção é estimada em 22 milhões, ante apenas 1 milhão em 1989/90. Em **Papua-Nova Guiné**, a produção foi expressiva no período de mercado livre, registrando uma média de 1 milhão de sacas, e na **Tailândia** ela foi igualmente expressiva. Em 2012/13, os dois países registraram 717.000 e 608.000 sacas, respectivamente.

América Central e México

16. Esta região em média produziu 18 milhões de sacas por ano no período de 1990 a 2012, em comparação com 13,8 milhões no período precedente em estudo. No ano-safra de 2012/13 a produção estimativa foi de 18,5 milhões, ficando próxima dos 18 milhões produzidos em 1989/90. A produção da região como um todo não parece afetada por grande volatilidade de um ano-safra para o próximo. Isso não obstante, a participação da região na produção mundial caiu para uma média de 15,9% no período de mercado livre, de 18,1% no período anterior, e o recente surto de ferrugem poderá causar uma queda dos níveis de produção de muitos países da região (ver Box 2).

17. Na **Costa Rica**, a produção média anual foi de 2,1 milhões de sacas entre 1990 e 2012, ante 1,7 milhão entre 1963/64 e 1989/90. Estima-se que no ano-safra de 2012/13 o país produziu 1,6 milhão de sacas, em comparação com 2,3 milhões em 1989/90. Em **El Salvador**, a produção diminuiu de 2,5 milhões de sacas por ano no período de 1963/64 a 1989/90 para 1,9 milhão no período de mercado livre. Estima-se que no ano-safra de 2012/13, a produção salvadorenha foi de 1,4 milhão, em comparação com 2,8 milhões em 1989/90. Na **Guatemala**, a produção média anual no período de 1990/91 a 2012/13 foi de 4 milhões, ante 2,4 milhões no período anterior. A produção guatemalteca no ano-safra de 2012/13 é estimada em 3,7 milhões, ante 3,5 milhões em 1989/90. Em **Honduras**, a produção cresceu constantemente, apesar de algumas interrupções. A média anual foi de 1 milhão de sacas entre 1963/64 e 1989/90, em comparação com 2,9 milhões desde 1990. No ano-safra de 2012/13, a produção hondurenha é estimada em 4,5 milhões, ante 1,8 milhão em 1989/90.

18. No período de mercado livre, o **México** produziu uma média de 4,5 milhões de sacas por ano, em comparação com 3,9 milhões no período anterior. A produção mexicana foi de 5,1 milhões de sacas no

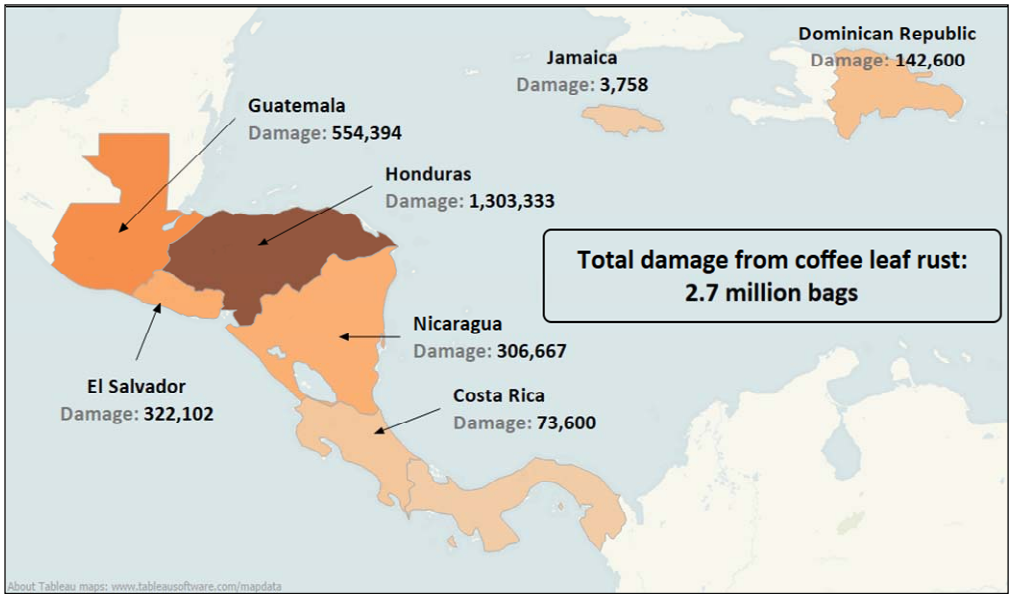
ano-safra de 1989/90, e em 2012/13 ela havia descido para 4,3 milhões, em parte devido à epidemia de ferrugem que se alastra pela região. Na **Nicarágua**, apesar de uma queda recente, a produção registrou aumento durante os últimos 50 anos. A média anual de 1990/91 a 2012/13 foi de 1,3 milhão de sacas, ante 747.000 entre 1963/64 e 1989/90. A produção nicaraguense no ano-safra de 2012/13 é estimada em 1,9 milhão de sacas, tendo caído de 2,2 milhões no ano-safra anterior.

Box 2: A ferrugem do café na América Central

A produção de café na América Central foi severamente afetada em 2012/13 por um surto de ferrugem do café na região. Embora não seja um fenômeno novo, a atual epidemia é considerada uma das piores de que se tem notícia, com uma taxa de incidência superior a 50% nas áreas de produção. Estados de emergência fitossanitária foram declarados na Costa Rica, na Guatemala e em Honduras. A Nicarágua e El Salvador também foram seriamente afetados. Segundo previsões, a doença, que ataca as folhas do cafeeiro e inibe o amadurecimento das cerejas, terá um impacto negativo de grande intensidade tanto na safra atual quanto na produção futura.

A figura 5 abaixo mostra os efeitos da ferrugem sobre a produção em 2012/13, de acordo com cifras provisórias do PROMECAFÉ. A perda é de cerca de 2,7 milhões de sacas, a um custo total de US$500 milhões. Além do custo econômico, é preciso levar em conta os aspectos sociais. A maior parte do café da América Central é cultivada por pequenos cafeicultores, que possivelmente não conseguirão alçar com as perdas previstas. Estima-se que haverá uma perda de mais ou menos 374.000 empregos no ano-safra de 2012/13, pois a mão de obra que se usa para a colheita não será necessária, pura e simplesmente. Além disso, a situação já precária de alguns cafeicultores poderá levar a problemas de insegurança alimentar em muitas áreas.

Figura 5: Ferrugem do café na América Central (2012/13)



América do Sul

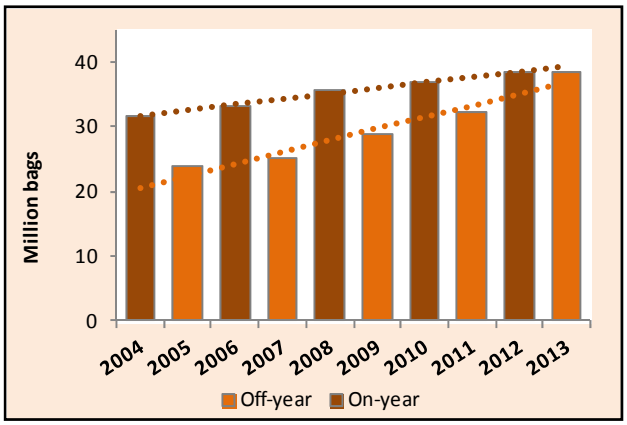
19. A América do Sul continua a liderar o mundo em produção, com uma média anual de 52,5 milhões de sacas produzidas a partir de 1990/91, ou 46,6% do total mundial. De 1963/64 a 1989/90, a média foi de 36 milhões de sacas, ou 47,2% do total mundial. A produção total da região no ano-safra de 2012/13 é estimada em 67,6 milhões de sacas, ante 42,8 milhões em 1989/90. Em toda a região, a produção se caracteriza por um ciclo bienal de aumentos e reduções regulares em anos-safras sucessivos, exceto em alguns casos de aumentos sucessivos, como nos anos-safra de 1989/90 a 1992/93.

20. Essa configuração da produção de toda a região é atribuível, em grande parte, ao caráter cíclico da produção brasileira. O **Brasil** em média produziu 35,7 milhões de sacas por ano no período de 1990/91 a 2012/13, em contraste com 22,6 milhões no período de 1963/64 a 1989/90. Em que pese a sua variação cíclica de um ano para o outro, a produção brasileira aumentou substancialmente no último meio século, subindo de 23,2 milhões de sacas em 1963/64 para 50,8 milhões em 2012/13. No ano-safra de 1989/90, ela foi de 24,5 milhões. Além dos ciclos bienais, que são característicos da produção de Arábica, choques climáticos (geadas e estiagens) também provocam acentuada volatilidade na produção do país.

Box 3: Ciclo produtivo bienal do Brasil

Tradicionalmente a produção de café no Brasil segue um ciclo de dois anos, alternando-se entre uma safra copiosa e outra escassa, pois, após uma safra copiosa, os cafeeiros precisam de tempo para se recuperar. Esse ciclo se manifesta na produção de Arábica, que representa três quartos da produção brasileira. Nos últimos anos, porém, a diferença entre a fase de baixa e a de alta diminuiu (ver figura 6), e em 2013/14, que é um ano de baixa, a produção só está 3,3%, ou 1,7 milhão de sacas, aquém da de 2012/13. Grande parte dessa novidade no Brasil pode ser atribuída a melhor manejo do cultivo, com o uso cada vez maior de irrigação e mecanização.

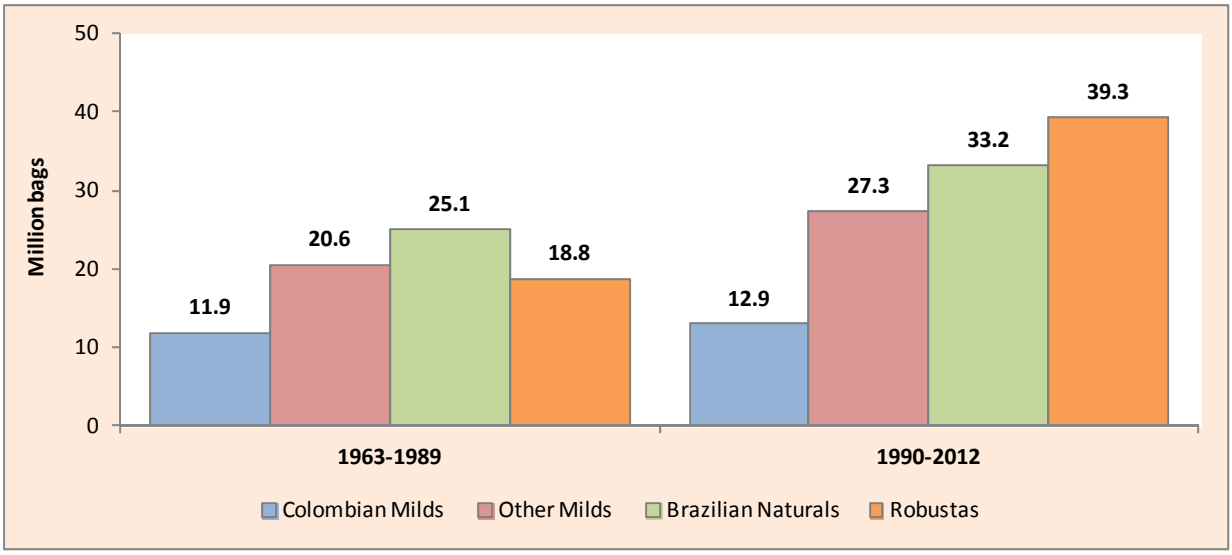
Figura 6: Produção de café no Brasil (2004/05 – 2013/14)



21. Na **Colômbia**, a produção média anual foi de 11,5 milhões de sacas entre 1990/91 e 2012/13, em comparação com 10,1 milhões durante o período de mercado regulado. A produção colombiana caiu muito entre 2008/09 e 2011/12, devido à ferrugem, mas o programa de replantio do país parece estar funcionando, e no ano-safra de 2012/13 ela se recuperou a cerca de 10,4 milhões. A produção do **Equador** caiu ligeiramente no período de 1990 a 2012, com uma média de 1,2 milhão de sacas, ante 1,4 milhão entre 1963 e 1989. Em termos absolutos, porém, a produção equatoriana caiu muito, de 2,2 milhões de sacas no ano-safra de 1989/90 a 828.000 sacas em 2012/13. O **Peru**, com uma produção média anual de 2,7 milhões de sacas desde 1990, é o terceiro maior produtor da região. As taxas de crescimento da produção peruana também são altas, tendo girado em torno de 7% no período de 1990/91 a 2012/13. No ano-safra de 2012/13, ela é estimada em 4,5 milhões de sacas, ante 1,5 milhão em 1989/90.

22. Na análise por tipo de café, observa-se um crescimento dramático da produção de Robustas, que subiu de 18,8 milhões de sacas por ano no período de mercado regulado para 39,3 milhões no período de 1990/91 a 2012/13. A produção total de Robustas no ano-safra de 2012/13 é estimada em 56,5 milhões de sacas, representando uma participação de 38,9% na produção mundial de café, ante 25,9 milhões, ou 27,5% da produção mundial, em 1989/90. O aumento drástico da produção de Robustas pode ser atribuído ao crescimento da produção vietnamita. A produção média de Arábicas, por sua vez, foi de 73,4 milhões de sacas no período de 1990/91 a 2012/13, ante 57,5 milhões no período de mercado regulado, representando um aumento médio anual de 1,3%. A produção total dos Arábicas no ano-safra de 2012/13 é estimada em 89 milhões de sacas, ou 61,3% da produção mundial, em comparação com 68,3 milhões de sacas, ou 72,5% da produção mundial, em 1989/90.

Figura 7: Produção média, por grupo de café

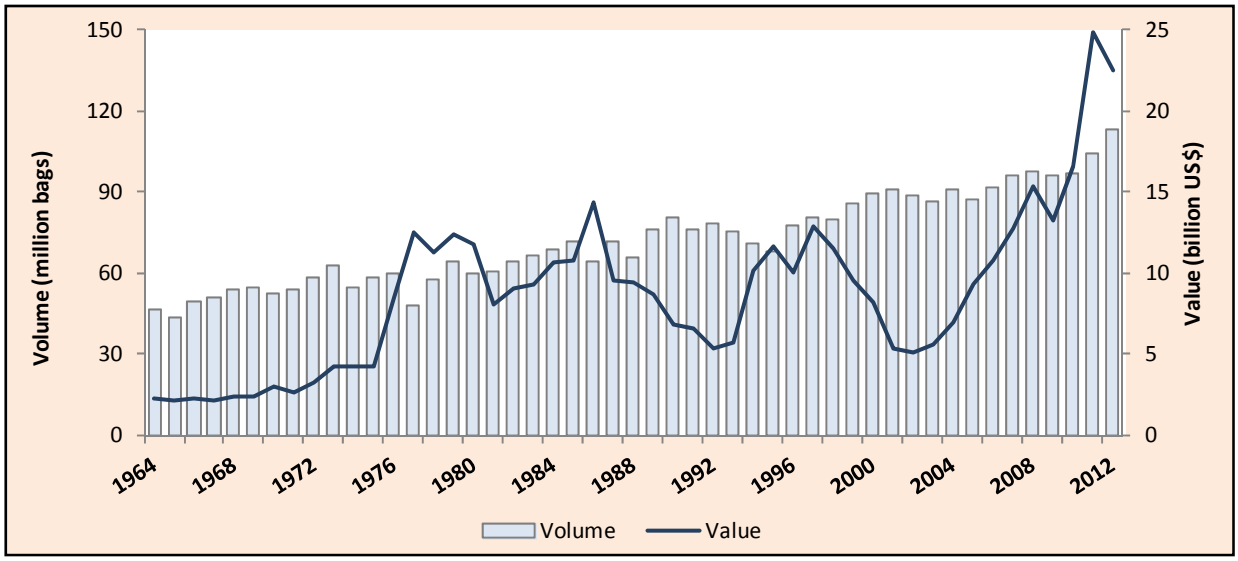


iii. Comércio internacional

Exportações

23. O total exportado pelos países exportadores aumentou continuamente nos últimos 50 anos, com algumas interrupções, em particular entre 1976 e 1978, e em 1987/88 e 1994/95. Até a suspensão das cláusulas econômicas do Convênio Internacional do Café em julho de 1989, durante o período de mercado regulado, o total das exportações cresceu até atingir um pico de 81,3 milhões de sacas em 1989/90. Em 1994/95 o total caiu para 65,7 milhões de sacas, e depois voltou a aumentar continuamente até atingir um pico de 111,6 milhões de sacas em 2012/13. O aumento das exportações desde 1990 foi mais intenso no caso dos Robustas, que totalizaram 42,6 milhões de sacas em 2012/13, ante 23,6 milhões em 1990/91, representando uma taxa de crescimento médio anual de 2,7%. No caso dos Arábicas, as exportações aumentaram a uma taxa média anual de 1,4% durante o mesmo período. Individualmente, o desempenho das exportações dos países exportadores no período de 1990/91 a 2011/12 foi variado. Entre os 20 maiores países exportadores, o Vietnã registrou uma taxa de crescimento elevada em suas exportações (13,9%), seguido pelo Peru (6,2%), a Nicarágua (7,3%), Honduras (5,2%), a Índia (5,7%) e a Etiópia (6,2%). Em termos de volume, o Vietnã exportou 20 milhões de sacas em 2012/13, em contraste com 1,1 milhão em 1990/91. Em 2012/13, as exportações do Brasil totalizaram 31,2 milhões de sacas, mas a taxa de crescimento anual das exportações da Colômbia foi negativa (-1,5%), em consequência das prolongadas quedas de produção do país nos últimos anos. Também caíram as exportações dos Camarões (-7,6%), da Côte d'Ivoire (-4,1%), do Quênia (-3,1%) e de El Salvador (-2,5%).

Figura 8: Volume e valor das exportações de todos os países exportadores (1964 – 2012)



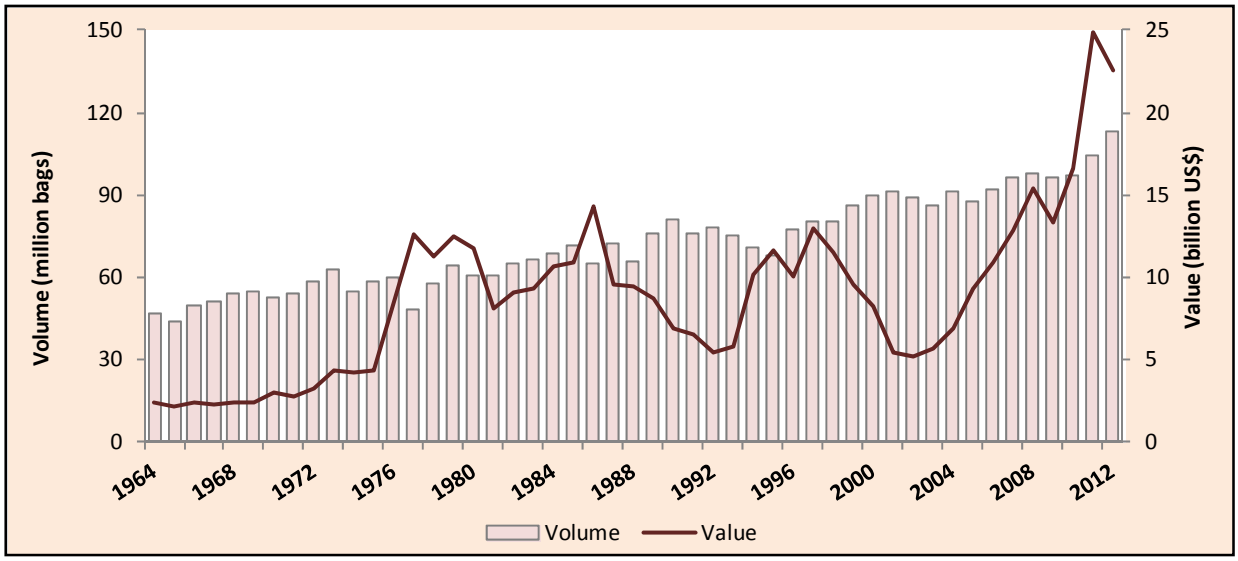
24. Durante o período de 1963/64 a 2012/13 como um todo, o valor médio anual das exportações de todos os países exportadores foi de US$8,9 bilhões, por um volume médio de 72,8 milhões de sacas. Durante o período de mercado regulado de 1963 a 1989, o valor médio foi de US$6,9 bilhões, por um volume de 59,9 milhões de sacas. O valor médio total durante o período de mercado livre foi de US$11,1 bilhões, por um volume médio de 87,9 milhões de sacas. Em 2012/13, em termos absolutos, o valor estimativo total das exportações foi de US$19,1 bilhões, por um volume de 111,6 milhões de sacas, representando uma melhora clara em relação ao nível de US$5,8 bilhões, por um volume de 90,7 milhões de sacas em 2000/01.

25. Em comparação com a média do período de 1990 a 2011, os seguintes países exportadores obtiveram receitas significativas: Brasil (US$3,1 bilhões), Colômbia (US$1,7 bilhão), Vietnã (US$888 milhões), Indonésia (US$573 milhões), Guatemala (US$525 milhões), México (US$502 milhões) e Honduras (US$422milhões).

Reexportações

26. Em média, os países importadores ganharam US$5,5 bilhões por ano com a reexportação de 24,2 milhões de sacas de café no período de mercado livre, ante US$962 milhões no período de 1965 a 1989. Foram substanciais os ganhos da Alemanha, que, reexportando um volume médio de 6,6 milhões de sacas por ano, obteve um valor médio anual de US$1,4 bilhão, ou 27% do valor total das reexportações de todos os países importadores, no período de mercado livre. A Bélgica veio em segundo lugar, com US$542 milhões, ou 9,9% do valor total das reexportações de todos os países importadores. Em seguida vieram os EUA e a Itália. Tanto o valor quanto o volume das reexportações aumentaram muito no período de mercado livre. A partir de 2000, eles aumentaram ainda mais, registrando uma média de US$5,3 bilhões, por 31,4 milhões de sacas. É preciso notar, por último, que o valor das reexportações subiu consideravelmente nos últimos anos, perfazendo, estima-se, US$14,7 bilhões no ano civil de 2012, por um volume de 41,7 milhões de sacas reexportadas, ante US$2,4 bilhões no ano 2000, por 20,5 milhões de sacas.

Figura 9: Volume e valor das reexportações de todos os países importadores (1964 – 2012)



27. Em conjunto, as atividades de reexportação dos países importadores cresceram continuamente nos últimos 50 anos, e o valor das reexportações aumentou muito desde 2000. As reexportações abarcam as três formas de café: verde, torrado e solúvel. As reexportações de alguns países importadores, porém, sem dúvida são dominadas por uma dessas formas. A Bélgica e a Alemanha reexportam sobretudo café verde; e a Itália, a Suécia, a Polônia e os EUA, café torrado. Outros países importadores – e mais especificamente o Reino Unido, o Japão e a Espanha – reexportam principalmente café solúvel.

Cadeia de valor do café

28. O conceito de cadeia de valor se refere a todas as receitas geradas pelas atividades levadas a cabo ao longo de toda a cadeia da oferta de um produto, da produção até o uso final. As atividades compreendidas pela cadeia produtiva do café, a exemplo da de muitos outros produtos básicos agrícolas, se distribuem entre os países produtores, que geralmente exportam café verde, e os países consumidores, que transformam o café verde importado em produtos acabados, para consumo final.

29. Nos países exportadores, exportações principalmente de café verde geram a maior parte do valor, embora o consumo interno tenha uma participação substancial na cadeia de valor em alguns desses países. As exportações de café torrado ou solúvel também respondem por uma parte não menos significativo do valor gerado. Embora naturalmente haja muitos participantes na cadeia do café, esta análise só cobre os produtores, o setor exportador, o setor processador (atacadistas) e a distribuição para consumo interno.

30. Qualquer que seja o destino final do produto (por exemplo, processamento local ou exportação), os produtores de café obtêm receita vendendo seu café com base em preços de porteira de fazenda, e estes, em média, representam uma parcela significativa do valor unitário das exportações dos países exportadores. Com melhores preços no mercado mundial de café em anos recentes, o valor obtido pelos produtores aumentou na maioria desses países. Nos países onde há disponibilidade de estatísticas pertinentes, a média anual das receitas brutas teóricas dos produtores de café foi de US$10,8 bilhões por ano, por uma produção média de 112,9 milhões de sacas, no período de 1990 a 2012, ante US$6,3 bilhões,

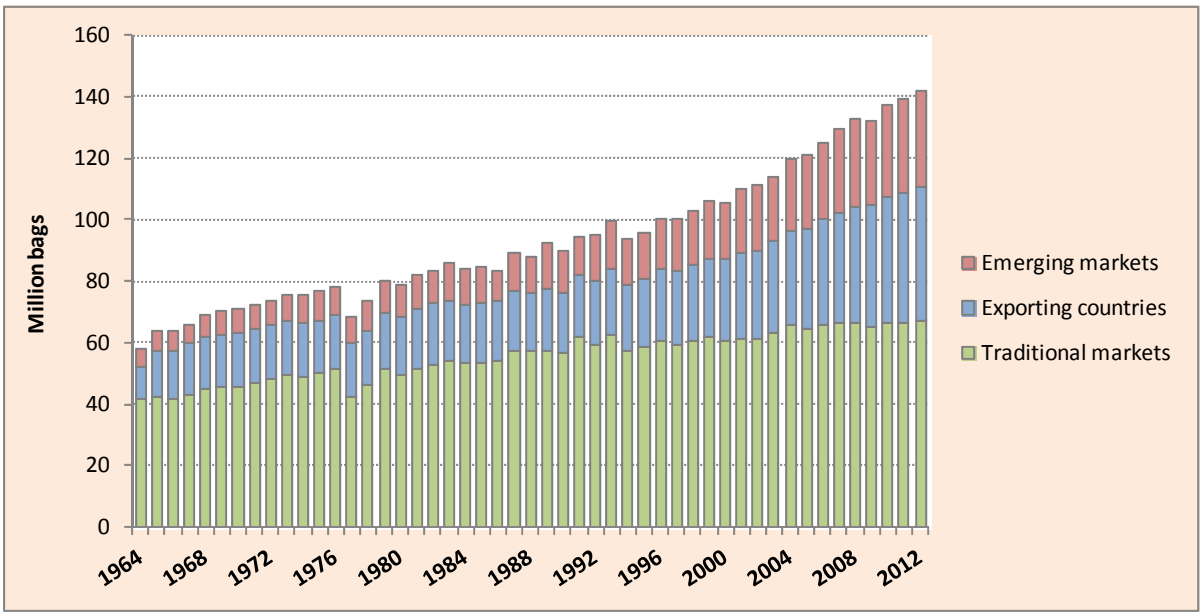
por uma produção média total de 84,6 milhões de sacas, entre 1965 e 1989. Durante o período recente de 2000 a 2012, as receitas brutas teóricas dos produtores totalizaram US$11,6 bilhões, por uma produção média anual de 121,8 milhões de sacas.

31. Com base em dados sobre o consumo mundial e sobre os preços de varejo onde se dispõe das informações pertinentes, estima-se que o valor total do setor cafeeiro foi de cerca de US$173,4 bilhões no ano civil de 2012. Nos países exportadores e mercados emergentes, o consumo de café em casa predomina. Nos países importadores tradicionais, o consumo fora de casa gera a maior parte do valor. No caso dos países europeus, isso se dá, particularmente, em Portugal, Espanha, Grécia e Turquia (para maiores informações, consultar o documento ICC-109-8 – Tendências do consumo de café em países importadores selecionados). O Anexo contém uma descrição completa da metodologia usada para estimar o valor total do setor.

iv. Consumo

32. O consumo mundial cresceu a uma taxa média anual de 1,9% nos últimos 50 anos, passando de 57,9 milhões de sacas em 1964 a 142 milhões em 2012. Essa taxa subiu depressa, para 2,1% desde 1990 e para 2,4% desde 2000. Como se vê no gráfico abaixo, mercados importadores como o Japão, a União Europeia e os EUA historicamente respondem pela maior parte da demanda global de café. Em anos recentes, porém, a demanda nos países produtores de café e mercados emergentes cresceu muito, dando ímpeto ao aumento recente da demanda. Essse mercados são examinados em maior detalhe abaixo.

Figura 10: Consumo mundial de café, por tipo de mercado (1964 – 2012)



Consumo interno nos países exportadores

33. Com o Brasil na liderança, o consumo interno nos países exportadores aumentou significativamente, passando de 10,4 milhões de sacas em 1964 a 43,5 milhões em 2012, a uma taxa média anual de crescimento de 3%. Entre 2000 e 2012, esse consumo interno aumentou 64,7%, passando de 26,4 a 43,5 milhões de sacas, o equivalente a 30,6% do consumo mundial em 2012.

34. Com um consumo interno de 20,2 milhões de sacas em 2012, equivalente a 46,4% do consumo total dos países exportadores, o Brasil não é apenas o maior país consumidor entre os países exportadores, como também o segundo maior país consumidor de café do mundo, após os Estados Unidos da América. Outros países exportadores com consumo interno muito grande são a Indonésia (8,2% do consumo interno de todos os países exportadores em 2012), a Etiópia (7,8%), o México (5,4%), as Filipinas (5%), a Índia (4,4%), a Venezuela (3,8%) e o Vietnã (3,6%). Em termos de consumo interno per capita, o Brasil continua a registrar taxas relativamente altas (6,1 kg per capita em 2012), seguido pela Venezuela (3,3 kg), a Costa Rica (3,3 kg), Honduras (2.6 kg), El Salvador (2,6 kg) e a Etiópia (2,3 kg). Embora os níveis de consumo per capita ainda sejam muito baixos em diversos países exportadores, há considerável potencial de crescimento no médio e curto prazo nesses países, especialmente em vista de suas perspectivas de desenvolvimento econômico.

Consumo nos mercados importadores tradicionais

35. O consumo total nos países importadores em 2012 é estimado em 98,6 milhões de sacas, ante 70,4 milhões em 1990 e 47,5 milhões em 1964. A taxa média anual de crescimento do consumo nos países importadores foi de 1,5% no período de 1990 a 2012, em comparação com 1,7% no período 1964 a 1989. Nos EUA, o consumo foi de 19,7 milhões de sacas no período de 1990 a 2012, mas estima-se que, em 2012, tenha sido de 22,2 milhões de sacas, ou 15,7% do consumo mundial. Outros importantes países consumidores são a Alemanha (9,5 milhões de sacas por ano em média), o Japão (6,5 milhões), a França (5,4 milhões) e a Itália (5,2 milhões).

36. A despeito de aumentos demográficos, o aumento do consumo nos mercados importadores tradicionais continua fraco, a uma média de 0,7% no período de 1990 a 2012, ante 1,3% no período de 1964 a 1989. O consumo total em 2012 é estimado em 70,6 milhões de sacas, ante 60,2 milhões em 1990. As taxas médias de crescimento do consumo no período de 1990 a 2012 foram inferiores a 1% nos 10 maiores mercados tradicionais, exceto o Canadá (2,6%), o Japão (1,6%), a Espanha (1,1%) e o Reino Unido (1%). O consumo médio per capita caiu na maioria dos mercados tradicionais, o que explica as taxas baixas de crescimento médio no período de 1990 a 2012.

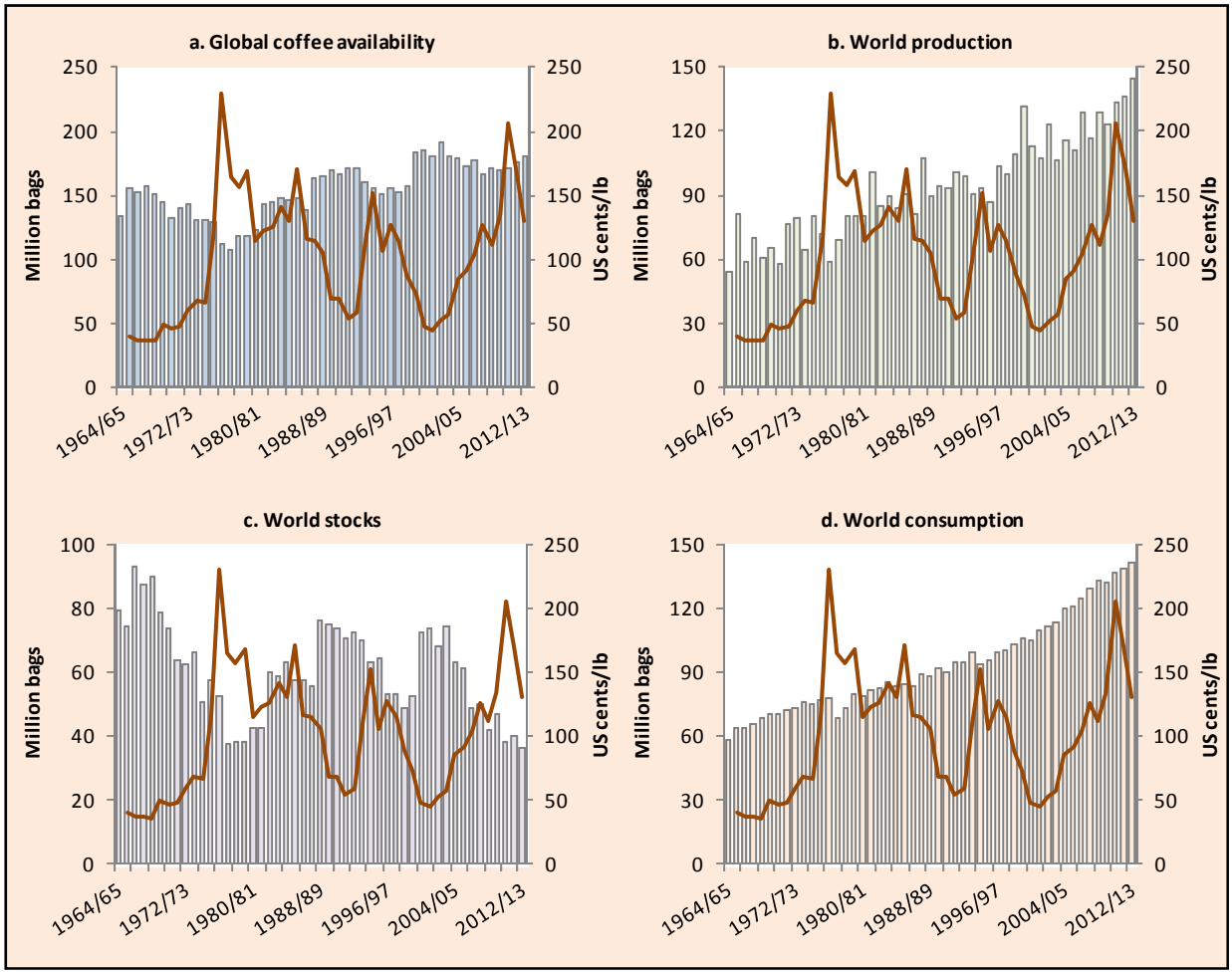
Consumo nos mercados emergentes

37. Nos mercados emergentes, o consumo de café aumentou consideravelmente nos últimos 50 anos. De 2,9 milhões de sacas em 1964, ele subiu para 27,9 milhões em 2012, aumentando 855,1%. De 1990 a 2012 o aumento foi de 173,4%, correspondendo a uma taxa média anual de crescimento de 4,7% no período de 1990 a 2012. Em vista disso, prevê-se que os mercados emergentes constituam uma fonte significativa de crescimento do consumo mundial nos próximos anos.

v. Relação entre fatores fundamentais e preços

38. Os principais fatores que determinam os preços do café são a produção, o consumo e as flutuações dos estoques, bem como elementos exógenos capazes de alterar seu impacto na formação dos preços. Correlações entre esses fatores fundamentais do mercado e os preços do café são exploradas abaixo. Na figura 11 a evolução da disponibilidade, produção, estoques e consumo é comparada com a do preço indicativo composto da OIC no período de 1964 a 2012.

Figura 11: Relação entre os fatores fundamentais do mercado e os preços do café



39. A oferta global é constituída pela produção e os estoques mundiais de café. Esses compreendem os estoques iniciais dos países exportadores e os estoques existentes nos países importadores. A produção de café, como a da maior parte dos produtos básicos agrícolas, sofre grandes variações em decorrência de condições agronômicas e climáticas. Chuvas escassas ou em demasia, por exemplo, podem afetar o volume da produção de uma safra para a próxima. O uso de fertilizantes e mão de obra também pode ser limitado por custos elevados, resultando em menor produção. Os coeficientes de correlação entre produção e preços do café não são muito significativos, mas há uma correlação negativa entre estoques mundiais e preços. Ou seja, níveis baixos de estoques em geral resultam em preços altos.

40. Análise mais detalhada mostra que os estoques iniciais dos países exportadores afetam muito os preços. No período de 1965 a 2012, o coeficiente de correlação entre esses estoques e o preço indicativo

composto da OIC foi de -0,67, ante -0,09 da correlação com os estoques nos países importadores. Também se constata que, no caso dos países exportadores, o coeficiente foi de -0,76 no período de mercado regulado e de -0,71 no período de mercado livre.

Quadro 1: Coeficientes de correlação entre fatores fundamentais do mercado selecionados e o preço indicativo composto da OIC

	1965 – 2012	1965 – 1989	1990 – 2012
Disponibilidade global do café	-0,33	-0,50	-0,40
Produção mundial	0,20	0,32	0,38
Consumo mundial	0,23	0,45	0,49
Estoques nos países importadores	-0,09	-0,11	-0,15
Estoques dos países exportadores	-0,67	-0,76	-0,71
Total do estoque mundial	-0,77	-0,77	-0,81

41. Talvez se possa entender melhor a relação entre os preços e os fatores fundamentais do mercado examinando as razões entre a oferta e a demanda. A média da razão entre a disponibilidade e o consumo global foi de 1,63 no período de 1965 a 2012 (ver quadro 2). A razão entre a produção e o consumo foi de 1,01, e a razão entre os estoques e o consumo mundial foi de 0,63.

42. No período de mercado regulado, a média da razão entre a disponibilidade e o consumo global foi de 1,81, indicando um nível de oferta global equivalente a quase o dobro do consumo mundial. Essa razão, muito expressiva durante o período de mercado regulado, girou em torno de 1,5 nos primeiros 10 anos do período. Choques climáticos afetaram a produção brasileira em meados dos anos 70, levando a uma queda dessa razão, mas ela voltou a subir até que sobreveio nova crise climática em meados dos anos 80. A razão entre a produção e o consumo mundiais foi de 1,02, mas os estoques mundiais responderam por 80% do consumo.

43. O comportamento dos preços do café em geral mostra fortes relações quantitativas entre a disponibilidade e o consumo global, os estoques e o consumo global e os estoques iniciais e o consumo. A razão entre a produção e o consumo tem uma influência muito menor sobre os preços.

Quadro 2: Razões entre a oferta e a demanda (Médias dos períodos)

	1965 – 2012	1965 – 1989	1990 – 2012
Disponibilidade/consumo mundial	1,63	1,81	1,50
Produção/consumo mundial	1,01	1,02	1,00
Estoques/consumo mundiais	0,63	0,80	0,50

SEÇÃO II: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UMA ECONOMIA CAFEEIRA SUSTENTÁVEL

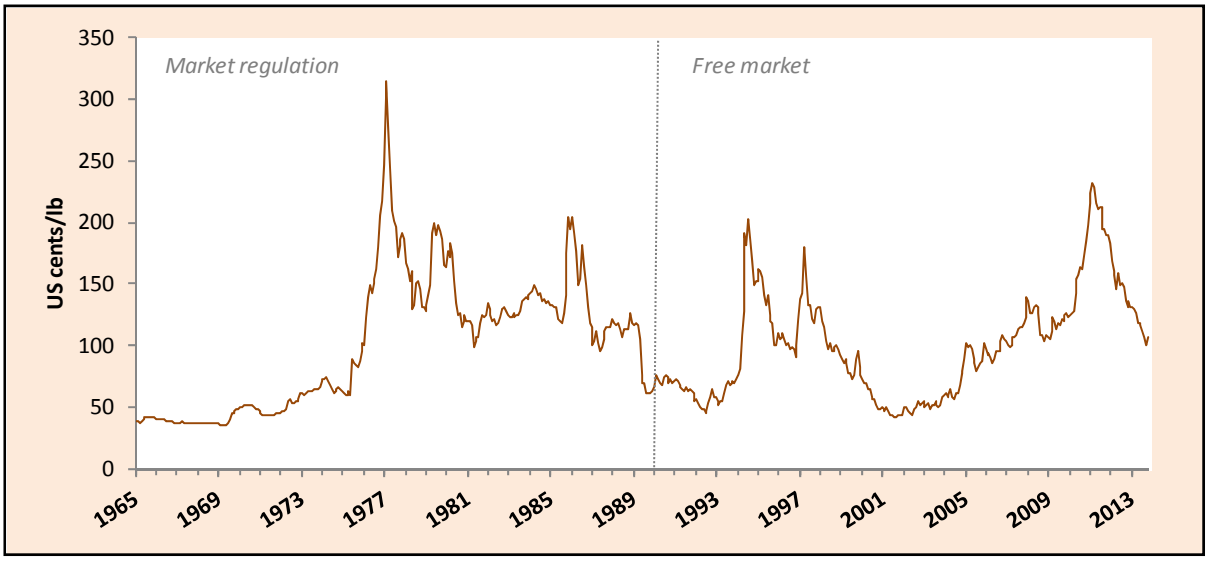
44. A Cúpula da Terra de 1992, no Rio de Janeiro, identificou três "pilares" do desenvolvimento sustentável: sustentabilidade econômica, sustentabilidade social e sustentabilidade ambiental. Esses três "pilares", que se reforçam mutuamente, são também reconhecidos e enfatizados no Acordo Internacional do Café de 2007, como importante objetivo para o setor cafeeiro global. Um princípio fundamental subjacente ao trabalho da OIC é a promoção da consciência da necessidade de sustentabilidade para a economia cafeeira, que hoje enfrenta grandes desafios nessas três esferas.

i. Sustentabilidade econômica

45. A volatilidade dos preços pode ser uma fonte de considerável incerteza e vulnerabilidade para os produtores de café. Decisões relativas a investimentos e planejamento precisam ser tomadas com base nas informações disponíveis na altura em que são tomadas, mas mudanças imprevistas dos preços podem prejudicar as escolhas, frequentemente levando a consequências prejudiciais.

46. Nos últimos 50 anos, os preços mundiais do café variaram enormemente (ver figura abaixo), de menos de 50 centavos de dólar dos EUA por libra-peso a mais de 300 centavos. No período de mercado livre com início em 1990, os pequenos cafeicultores de muitos países se viram expostos às flutuações dos preços do café, pois os mecanismos reguladores internos que havia nos países produtores foram abolidos na maioria deles. As flutuações dos preços intensificaram a pobreza rural, pois ficou mais difícil para os pequenos produtores planejar com eficiência a alocação de seus recursos. Em resultado, estratégias de gestão de risco são recomendadas com mais e mais frequência aos produtores dos países em desenvolvimento. O âmbito e aplicabilidade desses instrumentos, contudo, pode variar significativamente.

Figura 12: Preço indicativo composto da OIC (Médias mensais: 1965 – 2013)



Técnicas de gestão de risco de preços

47. Os instrumentos potenciais para lidar com gestão de risco de preços incluem contratos a termo, contratos de futuros e contratos de opções. Um contrato a termo estabelece a compra ou venda de uma

dada quantidade de café numa data fixa do futuro, a um preço predeterminado. A vantagem de um contrato a termo é que os preços são pré-ajustados e se mantêm fixos para o comprador e o vendedor. O risco é a perda de ganhos potenciais se os preços mudarem antes do vencimento do contrato. Várias modalidades desta estratégia de vendas eram usadas por muitos países exportadores e, especialmente, pelos que tinham sistemas de comercialização em regime de monopólio estatal. Com a liberalização dos sistemas de comercialização, porém, o contrato a termo se tornou arriscado para os países exportadores em que já não havia fundos de estabilização de preços ou juntas de comercialização.

48. Os contratos de futuros são contratos em papel inteiramente regulados e padronizados, que se referem a uma determinada quantidade de café, especificando a qualidade mínima, o local de entrega e a data de vencimento. Ao contrário dos contratos a termo, os de futuros não resultam obrigatoriamente na entrega do produto físico. A cobertura (*hedging*) de uma posição do café numa bolsa de futuros pressupõe proteção contra o risco das flutuações de preços quando se assume uma posição que equilibre a posição corrente na bolsa. A cobertura garante proteção moderada contra as flutuações mais intensas dos preços, mas não protege contra o risco dos diferenciais entre as origens ou tipos específicos de café. O uso de contratos de futuros se tornou mais frequente nos últimos anos, mas não elimina o risco de preços e pode acarretar vultosas despesas de capital.

49. Finalmente, os contratos de opções oferecem proteção contra as variações negativas dos preços e, ao mesmo tempo, permitem mudanças para tirar proveito de variações favoráveis. Uma opção estabelece o direito, mas não a obrigação, de comprar ou vender determinada quantidade de café a um preço fixo durante um dado período de tempo. Prêmio é o preço pago pela opção. Uma opção de compra chama-se *call*, e uma opção de venda é conhecida como *put*. Só o comprador da opção pode exercer esse direito, que o vendedor é obrigado a respeitar. O comprador da opção *put* pode exercer seu direito se o preço de mercado cai para menos que o do contrato, e o oposto é válido para o comprador da opção *call*.

50. O uso desses instrumentos de gestão de risco pode ajudar os compradores e exportadores locais a proteger suas margens de lucro contra flutuações de preços, o que, por sua vez, lhes permite pagar preços mais altos aos produtores. Não havendo a possibilidade de usar esses instrumentos, os compradores e exportadores se veem obrigados a deduzir grandes margens dos preços pagos aos produtores, para se proteger das quedas no mercado internacional. O uso de instrumentos de gestão de riscos, além disso, permite aos exportadores adotar uma estratégia flexível para abastecer o mercado internacional e proteger o valor de seus estoques, regulando a oferta no mercado. Convém notar que esses instrumentos modernos não servem como panaceia e só constituem uma das facetas de um conjunto abrangente de medidas para o desenvolvimento cafeeiro.

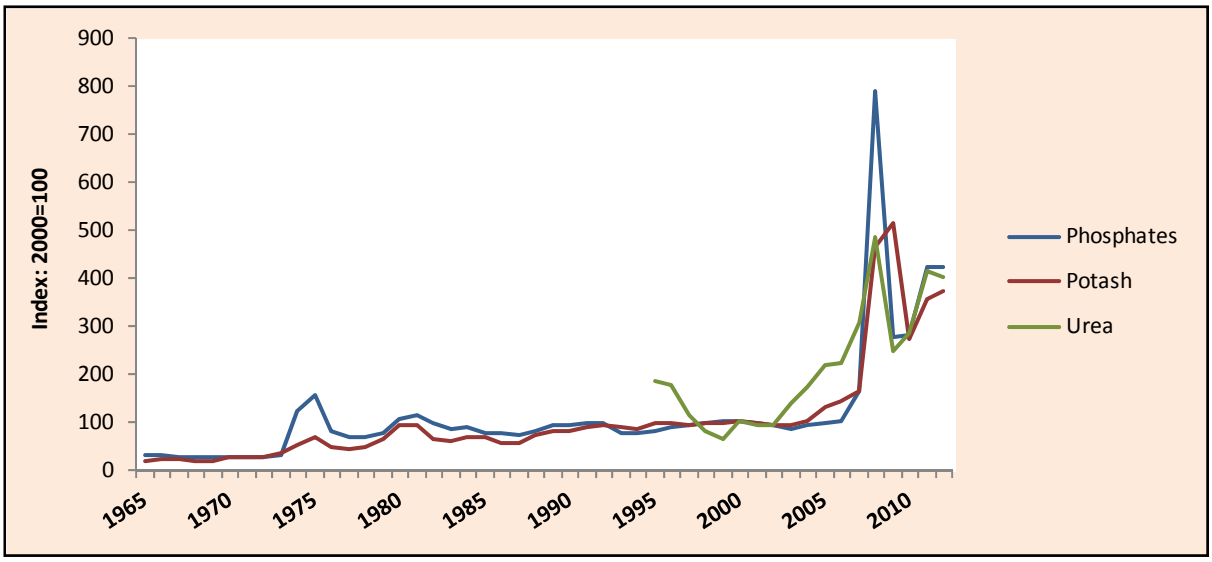
Custos de produção

51. A volatilidade de preços é apenas um lado da equação da sustentabilidade econômica. A alteração dos custos de produção pode afetar seriamente a capacidade dos produtores de conseguir um ganho de vida sustentável com o café. Os principais componentes dos custos de produção são a mão de obra, os fertilizantes e os produtos fitossanitários, como, por exemplo, os pesticidas.

52. Entre os principais fatores que limitam o desenvolvimento da produção cafeeira estão os custos da mão de obra. Uma das razões para a queda dos níveis de produção em muitos países é o envelhecimento da população agrícola e a falta de trabalhadores jovens que a substituam, devido, em grande parte, à migração rural para os centros urbanos. A cafeicultura exige muita mão de obra; há pouca mecanização em muitos países produtores; e os salários urbanos em geral vêm aumentando no mundo todo.

53. Na cafeicultura, os nutrientes mais necessários para enriquecer os solos e melhorar o rendimento são o nitrogênio, o potássio e os fosfatos. O nitrogênio é importante para o crescimento saudável do cafeeiro e a formação de novos galhos e folhas; o potássio é necessário para a formação dos frutos e sementes; e os fertilizantes à base de fosfato contribuem para o desenvolvimento das raízes, a floração e a frutificação. Esse três importantes elementos costumam ser combinados, mas combinações específicas dependem de muitos fatores, como, por exemplo, a natureza do solo, os padrões de precipitação pluvial e a idade dos cafeeiros. Na figura 13 abaixo apresenta-se um índice de preços dos fertilizantes desde 1965, usando o preço da ureia como referência para o nitrogênio, e da potassa para os fertilizantes à base de potássio. Os preços dos três aumentaram consideravelmente com o tempo, em particular nos últimos anos: desde 2000, os preços dos fertilizantes à base de nitrogênio, potássio e fosfatos aumentaram 301%, 275% e 325%, respectivamente.

Figura 13: Índice de preços dos fertilizantes (1965 – 2012)[1]



54. Finalmente, o uso de produtos fitossanitários para combater pragas e doenças também pode ter custos elevados. Duas pragas têm devastado os cafezais do mundo e continuam a causar destruição considerável. A primeira é a ferrugem do café, doença causada por um fungo microscópico (*Hemileia vastatrix*) que ataca as folhas do cafeeiro. A segunda é a broca do café, um inseto parasítico que ataca os grãos. A traqueomicose, que causa uma interrupção súbita do crescimento do cafeeiro também representa uma ameaça contínua à produção de café, especialmente na África. O combate a essas pragas e doenças pode envolver enormes custos, particularmente quando se leva em conta o meio ambiente e

[1] *Fonte: Estatísticas Financeiras Internacionais do FMI*

a saúde humana. Isso se torna necessário, por exemplo, no caso do endossulfan, um pesticida que se aplica por atomização e é muito eficaz contra as brocas do café, mas causa danos tanto ao meio ambiente quanto à saúde humana.

55. Abaixo apresenta-se um resumo dos custos de produção em países exportadores selecionados. Notar que, em todos eles, os custos aumentam com o tempo, mas os preços do café sobem e descem. A queda dramática dos preços mundiais entre 2011 e 2013 fez com que muitos produtores vendessem seu produto a preços não remunerativos, abaixo dos custos de produção em numerosos países. Toda vez que os preços pagos aos produtores são insuficientes para cobrir seus custos de produção, torna-se provável que tanto a produção quanto a qualidade caiam, em resultado da redução dos cuidados de manutenção.

Quadro 3: Custos de produção em países exportadores selecionados

	Brazil Arabica	Brazil Robusta	Colombia Arabica	Costa Rica Arabica	Ecuador Arabica	Guatemala Arabica	Kenya Arabica
2002/03			39.88	73.05	34.59	72.39	129.50
2003/04	58.65	37.57	34.87	66.63	35.80	74.49	129.24
2004/05	70.55	44.31	38.36	72.31	36.10	87.75	148.58
2005/06	98.92	56.14	48.77	77.75	41.30	91.43	153.48
2006/07	97.57	59.97	58.28	76.39	45.70	100.46	158.15
2007/08	121.15	64.10	66.04	90.35	52.30	102.80	182.15
2008/09	119.79	69.60	79.00	101.31	63.10	119.72	139.98
2009/10	166.61	91.52	74.72	106.67	53.80	115.58	139.11
2010/11			80.05	122.66	66.90	116.86	
2011/12			92.68	135.46	82.30	142.54	
2012/13			100.77	138.56	90.00		

Em centavos de dólar dos EUA por libra-peso

ii. Sustentabilidade social

56. Os indicadores sociais se referem à dimensão humana em sentido amplo, incluindo, em particular, a educação e o acesso a serviços básicos de saúde. Eles também incluem as condições de trabalho, a linha da pobreza e o acesso a alimentação, água potável e moradia. Os movimentos populacionais (êxodo rural, emigração para os países desenvolvidos) e a estabilidade social também constituem indicadores sociais de um desenvolvimento sustentável. É amplamente reconhecido que, em termos sociais, o café desempenha um papel importante na fixação da população agrícola e na criação de emprego nas zonas rurais. O café também permite uma distribuição mais ampla de renda entre as famílias dos agricultores. A queda dos preços para níveis abaixo dos custos de produção reduz as oportunidades que a população rural tem de se renovar, à luz de uma falta de interesse dos jovens pela agricultura e do êxodo para os centros urbanos e os países desenvolvidos. Essa situação ameaça a sustentabilidade da economia de países que dependem do café para obter a maior parte de suas receitas de exportação.

57. A dimensão humana da sustentabilidade traduz-se-se na redução da pobreza e das desigualdades, no acesso a recursos, saúde, educação e cultura. Os princípios do desenvolvimento sustentável da economia cafeeira repousam nos seguintes elementos:

- Os produtores devem receber preços/salários que cubram os custos de produção, o custo de vida e os custos ambientais num contexto competitivo;
- As condições de trabalho devem estar conformes com as convenções da Organização Internacional do Trabalho;
- Os produtores devem adotar práticas sustentáveis no plano ambiental;
- O acesso ao crédito e às oportunidades de diversificação deve ser melhorado; e
- O acesso às informações comerciais e às cadeias de comercialização deve ser melhorado.

Certificação: vantagens, custos e desafios

58. Para ser sustentável, a economia cafeeira deve incluir todos os aspectos do mundo agrícola que favoreçam um desenvolvimento mais equitativo. A promoção de uma economia cafeeira sustentável deve levar em conta esses aspectos, priorizando-os da forma apropriada. Pode-se lidar com as questões pertinentes usando esquemas de certificação e verificação. A certificação teve origem no conceito de desenvolvimento sustentável. O aparecimento, em muitos países, de consumidores cada vez mais sensíveis às questões da sustentabilidade resultou em numerosas iniciativas de certificação ou à elaboração de normas por organizações não governamentais. A certificação é um procedimento pelo qual um terceiro garante por escrito que um produto ou processo observa normas que tomam por referência a viabilidade econômica dos agricultores, a preservação do meio ambiente e a responsabilidade social.

59. Cada programa de certificação adota um método diferente no cumprimento de suas especificações. A Aliança das Florestas Tropicais, por exemplo, se empenha principalmente em conservar a biodiversidade e garantir o sustento dos agricultores, pela transformação de práticas de uso da terra, práticas de negócios, proteção da água e do solo, e combate a pragas. A UTZ Café é um programa mundial de certificação que trabalha por um "café responsável", exigindo qualidade social e ambiental na cafeicultura. O Código Comum para a Comunidade Cafeeira (4C), por outro lado, é um esquema de verificação que promove práticas sociais, econômicas e ambientais sustentáveis.

60. As normas de certificação contribuíram para pôr em foco os aspectos ambientais da cafeicultura de forma organizada e apropriadamente monitorizada. Além disso, a consciência das boas práticas agrícolas e agroflorestais vem crescendo no setor cafeeiro. Outros aspectos positivos são a redução da contaminação por inseticidas e fertilizantes, o manejo dos recursos hídricos e o incentivo ao uso de práticas biológicas. Para os produtores, no entanto, as vantagens financeiras, em particular na forma de preços mais altos, nem sempre são evidentes, e os custos da elegibilidade para certificação são consideráveis. Esses custos incluem investimentos iniciais na produção e em equipamento protetor, investimentos adicionais, e taxas de inscrição. Os procedimentos de certificação e auditoria também implicam custos que se acrescentam ao da inscrição, e frequentemente eles exigem a mudança das práticas de cultivo.

61. Apesar do avanço rápido do conceito de certificação no comércio internacional de café e de sua adoção por interessados importantes nos países importadores, ainda há uma série de grandes desafios. Entre estes, as questões relativas ao impacto da certificação na produtividade e na qualidade do café ainda precisam ser esclarecidas. Do mesmo modo, é preciso continuar a investigar a contribuição da certificação à redução da vulnerabilidade dos produtores a choques exógenos como as quedas de preços. Finalmente, a produção de café certificado em geral excede a demanda, e muitos produtores certificados não conseguem vender seu café por intermédio de nenhum programa específico. Resta verificar, portanto, se o setor certificado tem capacidade suficiente para se expandir além dos mercados de nicho.

iii. Sustentabilidade ambiental

62. O desenvolvimento sustentável leva em conta fatores ambientais, em particular o ecossistema, a erosão do solo, a desertificação, o desmatamento e a poluição. Ainda que, em geral, a contribuição da produção de café às questões ambientais seja positiva, quando comparada com a maior parte das atividades econômicas, ainda há muitos desafios que carecem de atenção especial. Os efeitos negativos a serem neutralizados têm a ver com a redução das áreas florestais, a degradação do solo e a poluição da água causada pelo uso excessivo de pesticidas químicos.

Produção de café e desmatamento

63. A importância desses efeitos negativos depende das áreas de produção e dos sistemas de produção adotados. Na África ocidental, por exemplo, a produção de café em larga escala foi desenvolvida a expensas das áreas florestais, contribuindo para o desmatamento. Estudos realizados nessas áreas mostram uma forte correlação entre o desmatamento e o cultivo de café sem sombra[2]. A intensificação da produção pelo uso de fertilizantes orgânicos é uma das medidas adotadas pelas autoridades cafeeiras para limitar o desaparecimento das florestas.

Produção de café e degradação do solo

64. A cafeicultura proporciona muito pouca proteção ao solo e, dependendo do método de cultivo utilizado, o teor de matéria orgânica do solo pode diminuir. Deve-se notar, porém, que o café não afeta o solo diretamente, pois a área sob os cafeeiros é coberta por eles. O café tende a exaurir o nitrogênio, o potássio e o cálcio do solo, daí o uso de fertilizantes pelos cafeicultores. O uso excessivo de fertilizantes pode causar problemas devido a sua transferência aos mananciais, contribuindo para a poluição da água.

Produção de café e poluição da água e do ar

65. Além da poluição da água causada pelo uso excessivo de fertilizantes, os pesticidas e herbicidas também podem contribuir para a poluição da água e afetar a saúde das pessoas. Um dos principais problemas em algumas regiões é a poluição da água gerada pelo processamento por via úmida. Para tratar desta questão, a OIC, através de projetos pilotos, ajuda os cafeicultores dos países produtores a usar tecnologias benéficas ao meio ambiente no processo de lavagem.

Incentivo às boas práticas agrícolas

66. Também é preciso que as condições econômicas incentivem a estabilidade, ofereçam padrões de vida razoáveis às populações que se ocupam do café e garantam a manutenção de sua qualidade. O café é um arbusto perene e, com isso, faz uma contribuição significativa ao sequestro de carbono, além de ser eficaz na estabilização do solo. Ele também permite a preservação da biodiversidade original das áreas cultivadas. É vital que sua produção e processamento levem em conta as necessidades do meio ambiente, para garantir a sustentabilidade. No entanto, questões ambientais relativas ao café devem de preferência ser tratadas em âmbito regional e não mundial, pois as caracaterísticas de cada região são distintas e suas prioridades, diferentes.

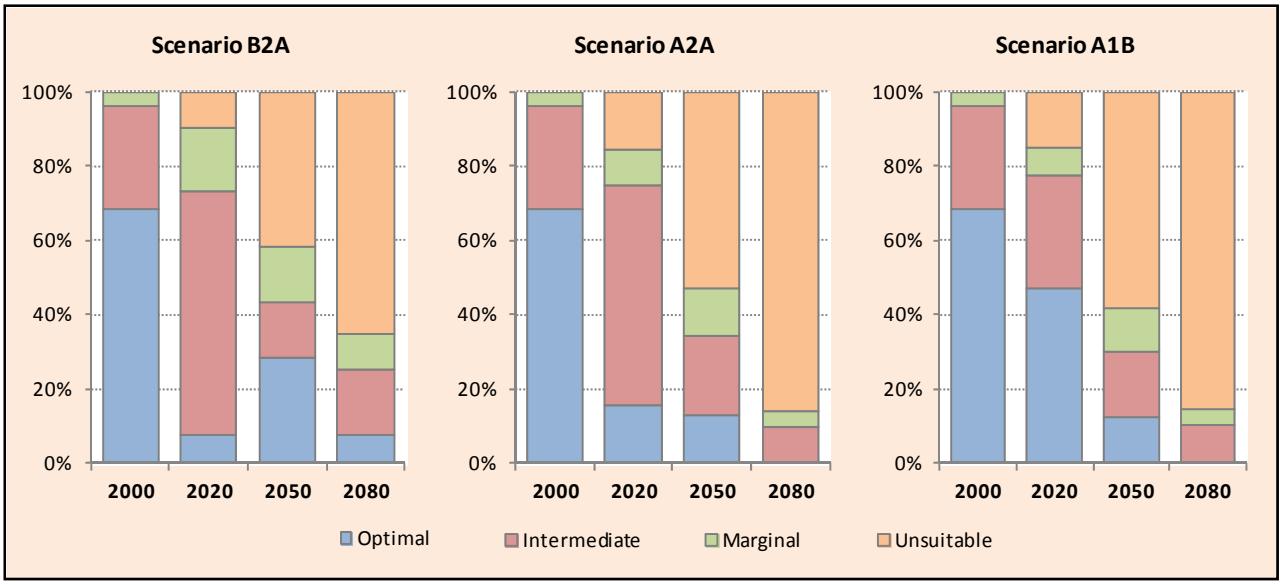
---

[2] *UNCTAD (1993) "Experiences concerning envirnmental effects of commodity production and processing: synthesis of case studies on cocoa and rice" & Denis Seudieu (1993) "L'impact de la production et de la transformation du café, du cacao et du riz sur l'environnement en Côte d'Ivoire".*

Box 4: O café e as mudanças climáticas

A transformação das condições climáticas e a elevação das temperaturas globais estão entre as maiores ameaças à produção cafeeira mundial. Elas dão motivo a preocupações, em particular, com respeito ao café Arábica, que exige condições ecológicas e meteorológicas relativamente específicas para produzir grãos de qualidade, incluindo temperaturas numa média ótima de 15° a 23°C. Uma elevação duradoura das temperaturas globais pode reduzir muito as áreas do mundo que se prestam à cafeicultura. Outros fatores climáticos também podem afetar negativamente a produtividade, abrangendo a precipitação pluvial, a composição do solo e a frequência das infestações por pragas e doenças. Em 2012, cientistas do Royal Botanic Gardens, do Reino Unido, publicaram um estudo analisando os efeitos potenciais das mudanças climáticas sobre o crescimento de Arábicas silvestres na Etiópia, tendo concluído que, na pior hipótese, os terrenos ótimos disponíveis para a produção de Arábica poderão desaparecer completamente até 2080 (figura 14).

Figura 14: Efeitos potenciais das mudanças climáticas para o Arábica nativo da Etiópia[3]



Em geral duas políticas inter-relacionadas são adotadas em resposta às mudanças climáticas: a mitigação e a adaptação. A mitigação envolve a redução do impacto de nossas atividades sobre o clima, e a adaptação procura diminuir nossa vulnerabilidade às mudanças climáticas. De acordo com o Centro de Comércio Internacional[4], embora medidas potenciais possam ser tomadas para reduzir as emissões em toda a cadeia do café, os incentivos econômicos ainda não são suficientemente fortes para instigar transformações significativas. Em termos de adaptação, é preciso notar que os pequenos cafeicultores estão entre os mais vulneráveis às mudanças climáticas e os menos capazes de enfrentar seus desafios. Iniciativas recentes como a do *Café & Clima*, porém, estão promovendo a conscientização dos riscos cada vez maiores que as mudanças climáticas acarretam e divulgando informações sobre as melhores formas de se preparar para enfrentá-los.

CONCLUSÕES: PERSPECTIVAS PARA O SETOR CAFEEIRO MUNDIAL

67. No final de 2013, os preços do café haviam caído para seus níveis mais baixos de seis anos e meio, e um excesso de produção em relação ao consumo pesava muito sobre o mercado. Preços historicamente altos em 2011 incentivaram os produtores a investir para expandir sua produção. Isso resltou em recordes mundiais de produção em 2012/13 e 2013/14. A inelasticiade tanto da oferta quanto da demanda às flutuações dos preços do café impede que, no curto prazo, o mercado cafeeiro corrija com facilidade os excedentes ou déficits; e ela promove a volatilidade de preços e supercorreções como as dos últimos anos.

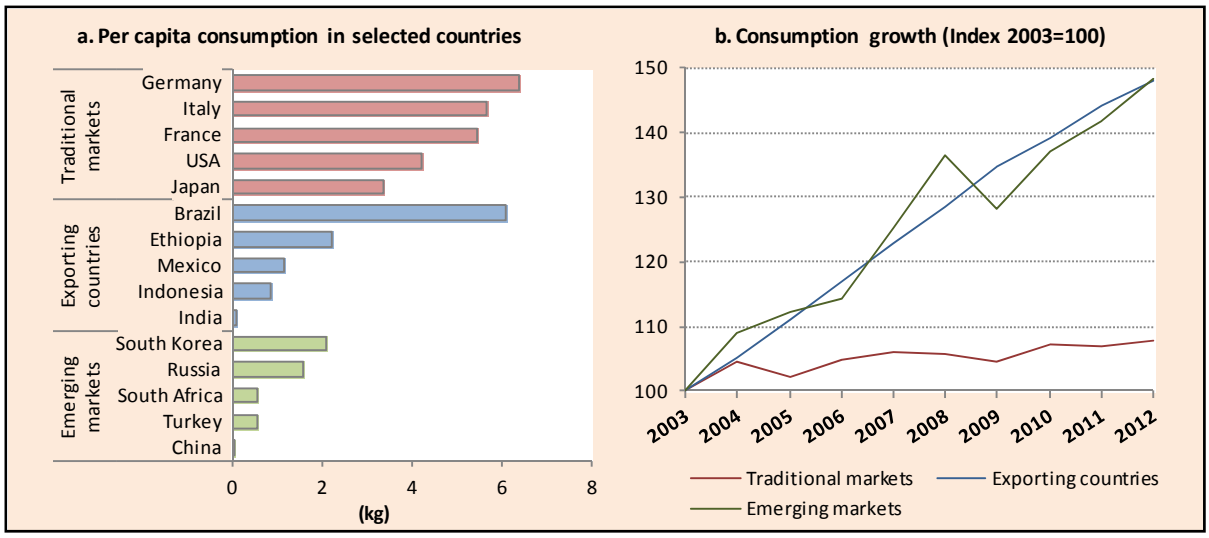
[3] Gráficos reconstruídos usando de Davis PD, Gole TW, Baena S & Moat J (2012) *"The impact of Climate Change on Indigenous Arabica Coffee (Coffea Arabica): Predicting future trends and identifying priorities"*. PLoS ONE 7(11): e47981.
[4] Centro de Comércio Internacional (2012) *"Climate change and the coffee industry"*.

68. As flutuações de preços devem continuar no futuro, sobretudo porque os fatores ambientais aumentam a probabilidade dos choques de curto prazo do lado da oferta. Em termos do equilíbrio global do mercado cafeeiro, porém, as perspectivas parecem positivas. Entre 1990 e 2012, a produção mundial aumentou mais de 50%, devido, sobretudo, à emergência do Vietnã como grande produtor. Entretanto, em muitos países a disponibilidade de terra para cultivo diminui e os custos de produção aumentam. Isso sugere que muitos produtores podem estar atingindo um ponto de saturação. A menos que surja outro grande produtor – o que parece improvável –, a produção dificilmente manterá uma taxa de crescimento tão alta no futuro próximo.

69. O consumo mundial de café, por outro lado, está prosperando. Embora em muitos mercados tradicionais o crescimento seja modesto e o consumo pareça ter alcançado um ponto de staturação, ainda há oportunidades, de que os produtores podem se beneficiar, em mercados de nicho dinâmicos como os dos cafés especiais e certificados. Além disso, nos últimos 50 anos, a percepção do café como produto saudável mudou significativamente, e houve um aumento correspondente na quantidade das pesquisas científicas realizadas sobre suas propriedades positivas para a saúde.

70. Nos mercados emergentes e países exportadores, o consumo vem crescendo depressa, e mostra potencial para continuar crescendo. Entre os países exportadores cujas perspectivas econômicas favorecem o aumento do consumo sobressaem o Brasil, a Indonésia, a Índia e o México. Em alguns países exportadores, os padrões de vida continuam a melhorar, criando forte potencial de crescimento para o consumo interno, acompanhando a expansão da classe média. Os mercados emergentes se encontram em países recém-industrializados que passaram por desenvolvimento econômico e social considerável. Como grupo, esses mercados registraram uma expansão expressiva do consumo, que de 10,2 milhões de sacas em 1990, aumentou para 27,9 milhões em 2012, a uma taxa média anual de crescimento de 4,7%.

Figura 15: Tendências do consumo nos mercados tradicionais, países exportadores e mercados emergentes

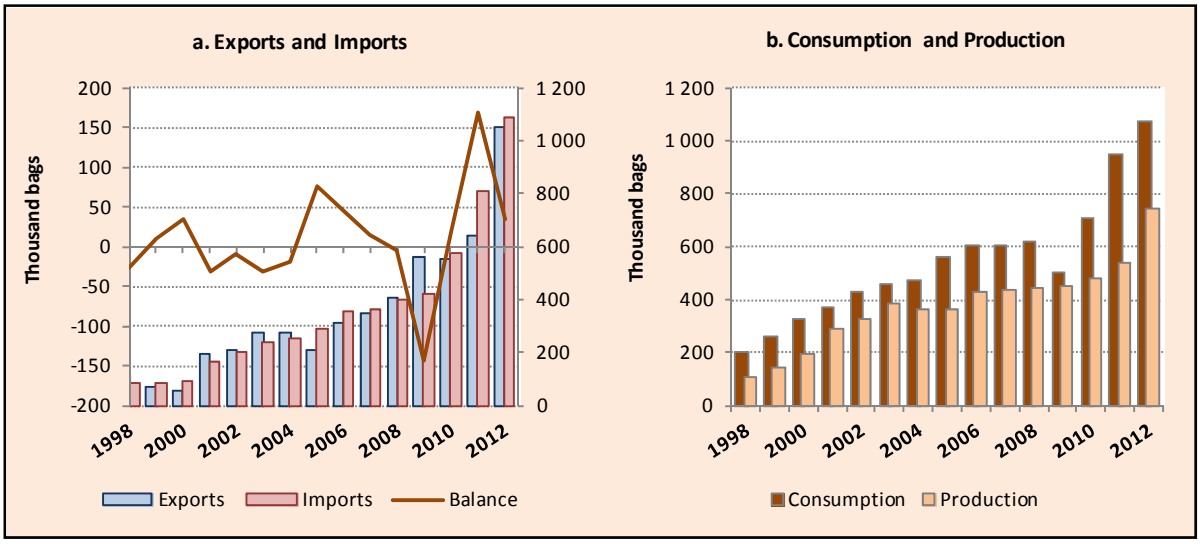


71. A figura 15 mostra o consumo per capita em países selecionados e o crescimento do consumo nos últimos 10 anos. Apesar das taxas de crescimento rápido observadas nos países exportadores e mercados emergentes, o consumo per capita continua relativamente baixo em todos eles, com exceção do Brasil. Isso mostra o potencial para continuação do crescimento nesses mercados, em particular nos países de maior população como a Índia e a China (ver box 5).

Box 5: O café na China

A China tanto consome quanto produz café, e todas as vertentes do setor estão crescendo com rapidez. Como a figura 16 abaixo mostra, o volume líquido das importações chinesas varia muito de ano para ano, passando de negativo a positivo nos últimos 15 anos. Em termos de produção, a China predominantemente cultiva café Arábica em sua província de Yunnan, destinando a maior parte a exportação. A produção, estima-se, girou em torno de 750.000 sacas em 2012, tendo crescido à taxa de 15,1% por ano desde 1998. O consumo também vem crescendo muito, a uma taxa anual de quase 13%, e alcançou um volume estimado em 1,1 milhão de sacas em 2012. Com uma população de cerca de 1,3 bilhão, a China só registra um consumo per capita de 25 g. Apesar desse nível tão baixo, o consumo chinês poderá alcançar 2,8 milhões de sacas em 2020 – o equivalente aproximado do consumo no Reino Unido –, se continuar a aumentar à taxa de crescimento indicada acima.

Figura 16: O setor cafeeiro na China (1998 – 2012)



72. Para concluir, a produção mundial aumentou continuamente nos últimos 50 anos, não obstante os choques climáticos registrados no período. Entretanto, será difícil manter essa tendência, principalmente devido à alta contínua dos custos de produção e a problemas ligados a pragas e doenças, que podem afetar o crescimento da produção. As mudanças climáticas também poderão ter um impacto negativo sobre a produção de muitos países, a menos que se realizem pesquisas urgentes sobre medidas de adaptação.

73. Por outro lado, continuam promissoras as perspectivas de crescimento da demanda mundial, sobretudo nos mercados emergentes e países exportadores. Os mercados de nicho também vêm-se expandindo nos países consumidores tradicionais. O crescimento do consumo deve ajudar a manter um equilíbrio apertado entre a oferta e a demanda. Além disso, o desenvolvimento da indústria de processamento nos países exportadores pode capacitá-los a aumentar o valor agregado do setor cafeeiro.

74. Vale notar que as barreiras ao aumento do consumo do café em muitos países exportadores e mercados emergentes têm principalmente a ver com fatores culturais e econômicos, pois, em muitos deles, o PIB per capita é baixo e o café é considerado um produto de luxo. É provável que, à medida que as rendas sobem, o consumo de café se torne mais prevalecente, e que o vasto potencial desses mercados emergentes e países exportadores seja realizado. Finalmente, o desenvolvimento sustentável da economia cafeeira precisa de se basear em ações para promover um firme equilíbrio entre a oferta e a demanda que seja remunerador para os cafeicultores.

METODOLOGIA USADA PARA ESTIMAR O VALOR TOTAL DO SETOR CAFEEIRO

Dados sobre o consumo

As cifras do consumo nos países exportadores e importadores em 2012 são dadas na primeira coluna e perfazem 142 milhões de sacas de 60 kg no total. São então convertidas no equivalente em café torrado, por divisão pelo fator de conversão 1,19[5].

Consumo em casa e fora de casa

Para estimar as participações percentuais do consumo em casa e fora de casa em cada país importador selecionado usou-se uma aproximação baseada em estudos anteriores do mercado.

Preços de varejo do café torrado

Médias anuais dos preços de varejo do café torrado em cada país selecionado foram usadas quando dados desse tipo, referentes a 2012, eram disponíveis.

Preços médios de venda no consumo fora de casa

Nos países selecionados, o preço mínimo de uma xícara de café é estimado em US$2 nos mercados tradicionais e US$1,5 nos países exportadores e mercados emergentes. Alguns relatórios independentes indicam preços unitários mais altos.

Número de xícaras por quilograma

Geralmente, um quilograma de café torrado pode fornecer entre 50 e 140 xícaras de café para consumo. Tendo em conta várias perdas, bem como o uso de água, leite e açúcar, porém, só **60 xícaras** de café foram consideradas vendidas por quilograma de café torrado. Estas estimativas só se aplicam ao consumo fora de casa.

Valor total do consumo

A agregação dá um valor bruto total de **US$173,4 bilhões** no conjunto dos países exportadores e importadores em 2012. Também é preciso notar que a cadeia de valor bruto do consumo de café não inclui o valor das reexportações em 2012, estimado em US$10,4 bilhões, nem o valor das exportações de todos os países exportadores em 2012/13, estimado em US$19,1 bilhões.

Em conclusão, deve-se notar que as estimativas da cadeia de valor bruto do consumo de café serão afetadas por duas hipóteses principais:

- Número de xícaras produzidas por 1 kg de café torrado: Parece que 1 kg de café torrado resulta em 60 xícaras de café de boa qualidade. Esse número pode aumentar para 144 xícaras de café de qualidade razoável e regular;
- Preço unitário de uma xícara de café: Pode variar de país para país e também de cidade para cidade no mesmo país.

[5] *Para converter o café torrado no equivalente em café verde, multiplicar o peso líquido do café torrado por 1,19 (ver Anexo do documento ED-2123/11).*

ANEXO (cont.)

QUADRO 1: VALOR FINAL DO CONSUMO DO SETOR CAFEEIRO GLOBAL EM 2012

	Total consumption (thousand 60kg bags GBE)	Total consumption (thousand kg)	At-home consumption (%)	Retail price (US cents/lb)	Retail price (US$/kg)	Total at-home value (thousand US$)	Out-of-home consumption (%)	Cost per cup (US$/kg)	Number of cups/kg	Total out-of-home value (thousand US$)	Total consumption value (thousand US$)
Exporting countries	**43 467**	**2 191 596**				**15 625 173**				**9 862 180**	**25 487 353**
Brazil	20 178	1 017 353	95%	259	6	5 529 111	5%	1.5	60	4 578 088	10 107 199
Colombia	1 439	72 575	95%	445	10	676 802	5%	1.5	60	326 587	1 003 389
Ethiopia	3 387	170 786	95%		9	1 460 218	5%	1.5	60	768 536	2 228 754
India	1 917	96 655	95%		9	826 404	5%	1.5	60	434 950	1 261 354
Indonesia	3 584	180 681	95%		9	1 544 820	5%	1.5	60	813 063	2 357 883
Mexico	2 354	118 689	95%		9	1 014 792	5%	1.5	60	534 101	1 548 892
Philippines	2 175	109 664	95%		9	937 626	5%	1.5	60	493 487	1 431 113
Venezuela	1 650	83 193	95%		9	711 303	5%	1.5	60	374 370	1 085 672
Vietnam	1 583	79 815	95%		9	682 419	5%	1.5	60	359 168	1 041 587
Others	5 200	262 185	95%		9	2 241 678	5%	1.5	60	1 179 831	3 421 509
Importing countries	**98 533**	**4 968 073**				**48 206 667**				**99 689 844**	**147 896 511**
E.U.	40 642	2 049 180				20 407 731				49 784 506	70 192 237
Austria	1 269	63 984	88%	838	18	1 039 674	12%	2.0	60	928 022	1 967 696
Belgium	915	46 116	82%	620	14	516 403	18%	2.0	60	998 046	1 514 450
Bulgaria	376	18 955	95%	344	8	136 727	5%	1.5	60	85 298	222 024
Cyprus	85	4 306	95%	539	12	48 643	5%	1.5	60	19 376	68 019
Czech Republic	685	34 549	95%	713	16	516 015	5%	1.5	60	155 472	671 487
Denmark	802	40 457	78%	672	15	469 426	22%	2.0	60	1 055 047	1 524 474
Estonia	104	5 243	95%		9	44 825	5%	1.5	60	23 592	68 417
Finland	1 082	54 556	88%	480	11	507 040	12%	2.0	60	792 789	1 299 829
France	5 790	291 941	81%	392	9	2 038 957	19%	2.0	60	6 739 440	8 778 397
Germany	8 830	445 197	85%	474	10	3 940 325	15%	2.0	60	8 211 407	12 151 732
Greece	1 076	54 257	69%		9	334 505	31%	1.5	60	1 538 089	1 872 593
Hungary	252	12 718	95%	607	13	161 679	5%	1.5	60	57 231	218 911
Ireland	215	10 855	95%		9	92 812	5%	2.0	60	65 131	157 943
Italy	5 731	288 970	77%	849	19	4 145 003	23%	2.0	60	8 113 144	12 258 147
Latvia	101	5 102	95%	808	18	86 340	5%	1.5	60	22 958	109 298
Lithuania	185	9 307	95%	709	16	138 145	5%	1.5	60	41 881	180 025
Luxembourg	212	10 664	95%	789	17	176 151	5%	2.0	60	63 986	240 137
Malta	21	1 059	95%		9	9 052	5%	1.5	60	4 764	13 816
Netherlands	1 382	69 704	79%	583	13	704 005	21%	2.0	60	1 793 044	2 497 048
Poland	1 936	97 620	93%	416	9	832 207	7%	1.5	60	623 371	1 455 577
Portugal	836	42 156	47%	568	13	247 883	53%	2.0	60	2 685 256	2 933 139
Romania	849	42 818	95%		9	366 094	5%	1.5	60	192 681	558 775
Slovakia	201	10 138	95%	671	15	142 463	5%	1.5	60	45 622	188 086
Slovenia	185	9 327	95%	448	10	87 459	5%	1.5	60	41 973	129 431
Spain	3 435	173 205	57%	447	10	966 664	43%	2.0	60	9 010 128	9 976 793
Sweden	1 159	58 454	80%	520	11	535 631	20%	2.0	60	1 405 629	1 941 259
United Kingdom	2 926	147 523	71%	915	20	2 123 603	29%	2.0	60	5 071 129	7 194 732
Japan	7 131	359 544	63%	757	17	3 773 318	37%	2.0	60	16 019 185	19 792 503
Norway	723	36 472	76%	548	12	333 094	24%	2.0	60	1 069 065	1 402 159
Switzerland	1 047	52 794	82%	659	15	630 475	18%	2.0	60	1 129 363	1 759 838
Tunisia	421	21 234	95%		9	181 549	5%	1.5	60	95 552	277 101
Turkey	679	34 234	65%	747	16	369 313	35%	1.5	60	1 062 996	1 432 309
USA	22 232	1 120 924	82%	568	13	11 450 130	18%	2.0	60	24 707 566	36 157 697
Other importing countries	*25 658*	*1 293 691*	*95%*		*9*	*11 061 058*	*5%*	*1.5*	*60*	*5 821 609*	*16 882 667*
World total	**142 000**	**7 159 669**				**63 831 840**				**109 552 024**	**173 383 864**